

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS  
HUMANAS – PPGICH

BIANCA CATARINA GONZAGA DE SOUZA

**O QUE É SER MULHER NEGRA?**

Escrevivências de identidade negra amazônida

MANAUS

2024

BIANCA CATARINA GONZAGA DE SOUZA

## **O QUE É SER MULHER NEGRA?**

Escrevivências de identidade negra amazônica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas com área de concentração em Teoria, História e Crítica da Cultura.

Orientador: Geraldo Valle Tupinambá

MANAUS

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

S719q Souza, Bianca Catarina Gonzaga de  
O QUE É SER MULHER NEGRA? : Escrevivências de identidade  
negra amazônica / Bianca Catarina Gonzaga de Souza . Manaus : [s.n],  
2024  
90 f.: color.; 21,0 cm.

Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

Inclui Bibliografia.

Inclui Anexo.

Orientador: Geraldo Valle Tupinambá.

1. Escrevivência. 2. Autoetnografia. 3. Feminismo negro. 4.  
Identidade. 5. Mulheres Negras. I. Geraldo Valle Tupinambá (Orient.)  
II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta escrita a todas as mulheres em terra que, com coragem e resistência, lutam pela destruição das estruturas de opressão que nos aprisionam, sufocam e debilitam.

Que possamos viver em uma sociedade onde a violência cesse contra nossos corpos e mentes, e que, em seu lugar, floresça uma realidade de saúde, prosperidade e liberdade para todas nós.

## AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata ao orixá Exú, por abrir este caminho repleto de sabedoria, movimentos, autoconhecimento, e potência, que se revela através do meu corpo e do meu intelecto.

Gratidão aos meus guias espirituais — Caboclo Júlio Galego, Pombogira Cigana, Cabocla Mariana, Cabocla Jarina, Zé Pilintra, e a todos os outros que fortalecem minha caminhada, permitindo que eu me encontre em espaços que jamais imaginei habitar.

Minha gratidão infinita à minha mãe, que, também é uma grande amiga para mim, pois dedica tempo e energia dela para me impulsionar a seguir meus sonhos. Tenho orgulho de ser a filha mais velha de uma tapauense negra alegre, gentil e trabalhadora do lar.

Aos meus amigos e a todas as pessoas marcantes da minha jornada, que me ensinaram sobre humanidade, identidade racial e o prazer de celebrar a vida.

Agradeço profundamente àqueles que fazem acontecer o Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, por me proporcionarem o amadurecimento e a alegria de ser pesquisadora, seja nas aulas, nos congressos, nas visitas técnicas ou nos cafés da manhã.

Agradeço, igualmente, à minha turma de mestrado, que sempre foi generosa e curiosa, buscando uma sociedade melhor. Nessa trajetória acadêmica, fiz amizades que se tornaram grandes referências intelectuais para mim, e sou grata por terem me acolhido, me dando espaço para compartilhar minhas inseguranças, sem nunca me deixar desamparada.

A todos que me ouviram, apoiaram e contribuíram para a realização deste trabalho, minha sincera gratidão.

Axé!

*“Nunca. Nunca se desculpe por serem negras ou por serem mulheres. Não pensem em atenuar suas histórias de nenhum modo. Não pensem que suas histórias são negras demais ou sobre mulheres demais. Não peça desculpas por serem quem são. Escrevam a história que realmente querem contar. Eu acho que uma boa história vai encontrar seu lar.”*

***Chimamanda Adichie – em entrevista online para o Roda Viva (14.06.2021)***

## RESUMO

Como a escrevivência pode ser utilizada para discutir questões de interseccionalidade de marcadores sociais em uma identidade negra amazônica? Os objetivos referentes a este trabalho são apresentar o pensamento negro feminista e a obra *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves para compreender a construção e afirmação de identidade social a partir da trajetória acadêmica e pessoal da pesquisadora. Foram reunidos relatos pessoais da infância, adolescência, relacionamento afetivo com os pais, com religiões, dentre outros. Como se constrói uma identidade a partir dos afetos, da maneira de se relacionar, de se enxergar e de se posicionar? E o que se pode esperar desse compilado de conhecimento e reflexão para que cessem às violências direcionadas a quem se identifica como mulher, negra, bissexual e amazônica? O termo escrevivência propulsionado pela escritora brasileira Conceição Evaristo (2020) permite a pesquisadores negres do Brasil contribuir sobre o tema da classificação de identidade política num país tão desigual economicamente e racialmente bem como a ideia de interseccionalidade introduzidas por autoras do feminismo negro como Sueli Carneiro (2019), Patricia Hill Collins (2019), bell hooks (2019) e Lélia Gonzales (2009) identificam os marcadores tais como o classicismo, o machismo, o racismo e a LGBTfobias se concretizaram nos espaços de socialização de mulheres negras. Traduzir as vivências em palavras requer o marcador individual, mas sem deixar de formular questões que impactam o coletivo. Os resultados encontrados revelam temas como pobreza, feminicídio, desemprego, assédio, exclusão, são comuns às vidas de brasileiras negras e como a escrita de mulheres negras em suas diversas qualidades pode remediar estereótipos negativos advindo de estruturas racistas e machistas. Para isso, este trabalho buscou compreender como a escrevivências produzidas por mulheres negras e para mulheres negras contribuem para construção da condição social da mulher negra brasileira.

**Palavras-chave:** Escrevivência; Autoetnografia; Narrativa; Feminismo negro; Identidade; Mulheres Negras; Amazônica.

## ABSTRACT

How can writing be used to discuss issues of the intersectionality of social markers in a black Amazonian identity? The objectives of this work are to present black feminist thought and the work *Um Defeito de Cor*, by Ana Maria Gonçalves, in order to understand the construction and affirmation of social identity based on the researcher's academic and personal trajectory. Personal accounts of childhood, adolescence, emotional relationships with parents and religions, among others, were gathered. How does one construct and validate an identity based on affections, the way one relates, sees oneself and positions oneself? And what can be expected from this compilation of knowledge and reflection so that the violence directed at those who identify as women, black, bisexual and Amazonian ceases? The term *escrevivência*, coined by Brazilian writer Conceição Evaristo (2020), allows black researchers in Brazil to contribute to the issue of political identity classification in such an economically and racially unequal country, as well as the idea of intersectionality introduced by black feminist authors such as Sueli Carneiro (2019), Patricia Hill Collins (2019), bell hooks (2019) and Lélia Gonzales (2009) identify the markers such as classism, sexism, racism and LGBTphobia that have taken shape in the socialization spaces of black women. Translating the experiences into words requires the individual marker, but without failing to formulate questions that impact the collective. The results show that themes such as poverty, femicide, unemployment, harassment and exclusion are common to the lives of black Brazilians and how the writing of black women in their various capacities can remedy negative stereotypes stemming from racist and sexist structures. To this end, this work sought to understand how the writing produced by black women and for black women contributes to the construction of the social condition of black Brazilian women.

**Key words:** Writing; Autoethnography; Narrative; Black feminism; Identity; Black women; Amazonian.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Faces Negras Importam: Tereza de Benguela - Banco do Brasil	10
Figura 2- Conceição Evaristo	18
Figura 3- Olhar para o passado é também olhar para o futuro	27
Figura 4- Colagem de Família	28
Figura 5- Autofotografia	29
Figura 6 - Duas Fridas	31
Figura 7 - Meus Pais (1997)	37
Figura 8 - Avô Paterno me segura no colo (1997)	40
Figura 9 - Planta Casa Tia Ciata	59
Figura 10 - Mãe Zulmira	65
Figura 11 - Tia Ciata	66
Figura 12 - Participação Balaio de OXUM 2024	68
Figura 13 - Oceano Atlântico	78

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada.

**IPTU** - Imposto Predial e Territorial Urbano

**LGBTQIAPN+** - Lésbicas, Gay, Bissexuais, Trans, Travestis, *Queers*, Intersexuais, Pansexuais, Não-binários e mais

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

**PRODAM** – Processamento de Dados do Amazonas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - DE MULHERES NEGRAS PARA MULHERES NEGRAS</b>	<b>15</b>
Escrevivência	18
<b>CAPÍTULO 2 – ESCREVIVÊNCIAS DE UMA MULHER NEGRA AMAZÔNIDA</b>	<b>26</b>
Desenho do racismo	37
Desenho de classe	46
Desenho de gênero e sexualidade	52
Desenho da casa desconfortável	56
<b>CAPÍTULO 3 – KEHINDE, UM DEFEITO DE COR E SISTEMA ESCRAVOCRATA ECONÔMICO-POLÍTICO BRASILEIRO</b>	<b>63</b>
Racismo Científico	71
Discurso Kehinde	75
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

O “negro”<sup>1</sup>, “preto”, “pardo”, “mulher” e “identidade” são construções, imaginários e disputas ideológicas que se alteram em tempo sócio-histórico numa territorialidade. Tece um trabalho que busca compreender as nuances de tais construções em Manaus. Quais as construções acerca da identidade negra feminina em Manaus? Como se constrói e valida uma identidade a partir dos afetos, da maneira de se relacionar, de se enxergar, de se posicionar e o que se pode esperar desse compilado de conhecimento e reflexão para que cessem às violências direcionadas a quem se identifica como mulher, negra, bissexual e amazônida. Há duas questões que se pode levar em consideração acerca de uma validação de identidade. O olhar do outro sobre nós e o olhar de si sobre si. Eu me identifico como mulher negra amazônida. A partir disso, escolhi construir o conhecimento acerca dessas classificações sob o olhar, a escuta e os diálogos de produtoras negras na área da sociologia, literatura e psicanálise, mas sem deixar de dialogar com outros produtores de conhecimento clássicos ou decoloniais.

O termo *escrevivência*, por exemplo, propulsionado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, visa fortalecer a produção literária de mulheres negras no Brasil. Ele torna-se conceito e metodologia utilizados em trabalhos científicos pelo Brasil e foi a partir dele que compreendo o gênero memorial e *escrevivente* como um caminho para dissertar sobre o tema da classificação de identidade política num país tão desigual economicamente e racialmente. Para entender como as estruturas racistas e elitistas que ainda estão imbricadas nas relações de afeto na sociedade brasileira, em especial, do lugar de onde vim e vivo, a cidade de Manaus, escolhi os relatos pessoais como chave que abre portais para tempos de ontem e tempos de hoje. Portanto, traduzir as vivências em palavras requer o marcador individual, mas sem deixar de formular questões que impactam o coletivo. Temas como pobreza, feminicídio, desemprego, assédio e exclusão são comuns às vidas de brasileiras negras, bem como temas de brilhantismo, *malemolência*, beleza, sagacidade e alegria.

Para esta dissertação há um recorte de raça, de classe, de posição social e de gênero normativo que se limita às vivências dessa pesquisadora, mas que visa contribuir para um debate coletivo que bebe da ideia de interseccionalidade introduzidas por autoras do feminismo negro como Sueli Carneiro, Patricia Hill Collins, bell hooks e Lélia Gonzales identificam os marcadores tais como o classicismo, o machismo, o racismo e a LGBTfobias

---

<sup>1</sup> Coloco entre aspas justamente porque são classificações

se concretizaram nos espaços de socialização de mulheres negras. A importância de tratar sobre a escrita e vivências de mulheres negras é evidenciar quais imagens estão sendo reproduzidas e como a escrita de si por estas mulheres pode remediar estereótipos negativos na literatura e no mundo advindo de estruturas racistas e machistas.

Para isso, este trabalho busca compreender quais as características dos discursos feitos por mulheres negras e para mulheres negras na construção de uma identidade social e como elas são impressas em minhas vivências. Me inscrever no mundo não é fácil. Não vem sendo fácil. Porém, é o que mais me faz sentir viva. E esta foi a oportunidade que me ocorreu. Refletir sobre às indagações de um mulher negra que circula num pedaço de terra banhado pelo Rio Negro.

Desde 2014, é comemorado o Dia Nacional de Tereza de Benguela, que é celebrado em 25 de julho, mesma data que se instituiu o Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha definida em 1992, no 1º Encontro de Mulheres afro-latino-americanas e caribenhas realizado em Santo Domingo, na República Dominicana. O objetivo da data é intensificar os laços das mulheres negras pelo continente e marcar a resistência pelo fim das opressões estruturais de gênero, raça e classe importados por modelos colonizadores.

Figura 1 - Faces Negras Importam: Tereza de Benguela

2



Autor: Banco do Brasil

---

<sup>2</sup> Projeto fomentado pelo Banco do Brasil em que imagina por meio de Inteligência Artificial como seria a face das mulheres negras que participaram de insurreições no Brasil. São elas: Maria Felipa, Luiza Mahin e Tereza de Benguela

Tereza de Benguela foi uma líder do quilombo Quariterê. O quilombo resistiu até 1775 e acolheu entre negros e indígenas, que sob a liderança de Benguela decidiam quais decisões políticas e econômicas a serem tomadas para a sobrevivência no território. A história de Tereza é hasteada pelo coletivo. Quando falo sobre mim, é porque sei que pertenço a um coletivo.

De acordo com Nós Mulheres da Periferia (2023), “Mulher Negra no Brasil em Números”,

- As mulheres negras representam 27,8% da população brasileira<sup>3</sup>.
- No segundo trimestre de 2022 foram as mais afetadas pelo desemprego (17%)
- Representam 27% dos estudantes do ensino superior em universidades públicas, porém enfrentam dificuldades para se formar<sup>4</sup>.
- 45% delas já sofreram algum tipo de violência ou agressão ao longo da vida em contraste com mulheres brancas, que o número chega a 36,9%.<sup>5</sup>
- Representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil.<sup>6</sup>

Diante desse traçado de perfil, no primeiro capítulo deste trabalho reúno à gira as reflexões de mulheres, que adentraram ao mundo acadêmico, e se posicionaram sobre a condição das mulheres negras. Eu as considero como guias, mentoras, mais velhas que abriram os caminhos nesta estrutura.

Já no segundo capítulo, eu navego por rios de memórias de minhas vivências em que acredito que me transformaram para manifestação do que tal categoria humana significa para mim e como eu me enxergo nela.

E por último, no terceiro capítulo, ancoo minha embarcação numa visão coletiva a leitura da obra literária *Um Defeito de Cor*, escrita pela mineira Ana Maria Gonçalves, me

---

<sup>3</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

<sup>4</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais (INEP) e Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA).

<sup>5</sup> Fonte: Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<sup>6</sup> Fonte: Anistia Internacional.

auxiliou. Sei que irei em direção a outros portos de conhecimento sobre tal tema e por me compor a minha humanidade, sei que nunca me saciará.

## CAPÍTULO 1 - DE MULHERES NEGRAS PARA MULHERES NEGRAS

Quando se fala em discursos sobre mulheres negras e para mulheres negras podemos invocar<sup>7</sup> os pensamentos de Lélia Gonzalez<sup>8</sup> (1984) que analisa as diferentes imagens que a cultura da sociedade brasileira naturalizou para as mulheres negras, como a mulata, a mucama<sup>9</sup>, a doméstica, a mãe preta, a cozinheira, e faxineira, ou servente, a trocadora de ônibus ou a prostituta. Ela afirma que tais imagens são reforçadas pela existência do racismo operando por meio do mito da democracia racial brasileira, que fala de uma sociedade em que não enxerga racismo nas suas atitudes ou no histórico do país. Em manifestações culturais negras, como o carnaval, é fácil perceber o endeusamento de mulheres negras que sambam na avenida. A autora traz os dias de carnaval brasileiro como o ápice do mito da democracia racial no Brasil para as mulheres negras - por mais que o carnaval seja uma prova da resistência de culturas afro-diaspóricas ao apagamento. Para Gonzalez (2020), o racismo brasileiro limita o endeusamento ao que acontece na avenida. Fora dela, as mulheres negras são taxadas de imagens que as subalternizam e as desumanizam. Acrescento que mesmo na avenida carnavalesca, há uma crescente de rainhas de baterias de etnia branca, propondo assim, um embranquecimento dessas figuras do carnaval, apesar de, em contrapartida, o empretecimento dos temas carnavalescos crescente com a presença de homenagens às religiões de matriz africana ou a herança africana para o país. [00]

Um dos principais operadores dessas imagens de controle é o racismo. Gonzalez (2020) salienta que o discurso existente de democracia racial ameniza os vestígios de discriminação racial no país. Os vestígios são notados quando identificamos o imaginário que se tem sobre a aparência, o comportamento e o destino das vidas de pessoas negras. Quando se trata sobre a discriminação sobre mulheres negras (pretas e pardas), Gonzales (2020, p.154) identifica essa hierarquização em ditados populares que escutou, como “branca para casar-se, mulata para fornicar, negra para trabalhar”.

Cida Bento (2002, 2020) apresenta os rastros das heranças coloniais no Brasil pelo projeto de poder hegemônico da branquitude.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e

<sup>7</sup> Escolha de palavra. Em sentido de pedir proteção.

<sup>8</sup> Lélia Gonzales foi filha de um ferroviário negro e de uma trabalhadora doméstica indígena. Foi babá. Formou-se em história, geografia e filosofia. Também uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado.

<sup>9</sup> Trabalha na Casa Grande

simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas. (p.15)

Para ela, essas heranças passam por alguns pilares: a construção de uma história das instituições e sociedades que apagam a presença e contribuição negras, em que o perfil dos empregados e lideranças, em sua maioria, é masculino e branco. Para Bento, a branquitude é a transmissão que atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustada e há um pacto que ajuda tal fenômeno a se perpetuar no tempo. Para ela, é "um pacto de cumplicidade, não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios" (p.11). Existe competição entre pessoas brancas, mas o pacto diz que elas estão partindo de uma igualdade. Se fosse competir com uma pessoa não branca, não há competição porque tal corpo não deveria nem estar ali, nem tem capacidade para competir. São formas de exclusão sistemática negadas e silenciadas.

Azoilda Loretto (2005) nos diz sobre uma negação de identidade negra feminina por parte das próprias mulheres negras por conta do consumo de imagens estereotipadas negativas criadas a partir da perspectiva do olhar midiático masculino e branco. Tais formadores de opinião e de imagens reproduzidas nas áreas de publicidade, nas artes cênicas e no audiovisual contribuem para uma auto rejeição de meninas negras pois a imagem nas mídias impacta uma realidade concreta e eficaz para a formação de imagem do ser mulher negra brasileira.

Ela questiona qual o raciocínio que os formadores de opinião seguem para decidir a respeito de como representar uma mulher negra nesses espaços de televisão, revista e propaganda. Azoilda entrevistou alguns formadores de imagem como um fotógrafo, um cartunista, um político, um cineasta, um professor de educação física, um artista plástico e um sociólogo para compreender essa tal formação e concluiu que há uma tensão entre compreender a situação social da mulher negra e a defesa de que o racismo é combatido somente em nível individual e não estrutural. Ela conclui que apesar dos entrevistados terem uma certa consciência a respeito da existência do racismo na sociedade brasileira, ainda persiste uma limitação para ideia de representação dessas mulheres na mídia. Para Neusa Santos (1983) a partir do contexto familiar, o sujeito constitui um ideal de ego, um ideal de imagem para si em que se é confrontado pelas vivências em novos espaços além do familiar, como a escola, a rua, o trabalho ou espaços de lazer. O ideal do ego, para a autora, advém do

domínio do simbólico, do lugar de um discurso, sendo a tranquilidade do sujeito permanente quando o ego dele condiz com o discurso de branquidade, no sentido de desejar a supremacia.

Para Zélia Amador (2019), o racismo está incrustado nas relações de poder e um desses mecanismos institucionais, pilares para essa legitimação de “superioridade racial” é a branquidade, que atribui qualidades e poder a quem pertence a uma elite intelectual, política e econômica no Brasil, sendo uma espécie de ingresso para qualquer espaço social. A branquidade ora é utilizada por um viés silencioso, porque ela é o padrão e não há mais discussão sobre, ora é invocada para deslegitimar críticas sobre a existência de preconceitos sociais.

O lugar social de brancos é um espaço que se fecha à presença de negros, a não ser em papéis bem definidos. Quando Zélia chama a atenção para o silenciamento da invenção da “raça branca europeia” fica fácil perceber a profundidade da colonização<sup>10</sup>, traços de aparências e estratos sociais diferentes do ideal de nação que ficam à mercê de serem validadas ou excluídas.

O que distingue a branquidade da negritude é o fato de a negritude constituir um processo político de tomada de consciência de pertencer a uma raça que foi submetida à opressão colonial eurocêntrica. Já a branquidade não é um processo de luta, é um valor hegemônico que confere supremacia aos brancos, valor que se mantém muito mais pelo silêncio que encobre uma memória herdada do grupo familiar. (Amador, 2019, p.115)

A branquidade através do dispositivo de democracia racial propaga que não há racismo já que todos são misturados e são tratados iguais, quem porta a nacionalidade brasileira é automaticamente um cidadão livre num país que mantém harmoniosa as relações entre “raças”, porém, sendo esse o discurso, a prática é outra – com esforços políticos intensos para o esquecimento da contribuição do negro para o país. Amador (2019) ainda nos traz que “raça” não é uma categoria estável, é uma construção inserida em dinâmicas que envolve classe, gênero, realidades coloniais e pós-coloniais, entre outras nuances.

Sueli Carneiro (2019) explica que a origem de uma identidade nacional e de hierarquias de gênero e raça no Brasil está na prática de estupro colonial através da apropriação sexual das mulheres indígenas e negras. Em seu livro, *Escritos de Uma Vida*, Sueli Carneiro menciona a escravizada Chica da Silva, como primeiro nome de mulher que aparece na “História Oficial”, a quem se atribuía uma sensualidade que “dominou” um

---

<sup>10</sup> Processo violento de exploração de humanos e seus territórios afim de adquirir riquezas.

amante português. Criando assim, a partir da sociedade colonial, vários mitos sobre como a mulher negra é sexualmente envolvente e como posse de seu dono não poderia negar seus “dotes” a seus senhores. Já com a instituição Brasil República numa frenética corrida para a instalação do capitalismo, as ofertas de emprego para as mulheres negras se restringiam em funções de cuidado com o lar, companhia para entretenimento ou serviços sexuais. Para Carneiro (2019) o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz em tríplice militância contra os processos de exclusão por decorrerem da condição de raça, de gênero e de classe. Recai a essas mulheres, a luta política para construção de uma sociedade baseada em valores de justiça social e solidariedade às mulheres negras.

### **Escrevivência**

Dissertar sobre um tema como da mulher negra tem como propósito principal compreender quais narrativas ainda recaem sobre as afirmações de ser mulher, negra, bissexual, de camada popular e nortista na sociedade brasileira, como no meu caso. O caminho escolhido para explicar as ideias de identidade negra e autodefinição foi traçado a partir da ideia de escrevivência, criada por Conceição Evaristo, em suas produções literárias e propagada como conceito por pesquisadores da área de literatura. A ideia de escrevivência abre caminhos para que se retrate marcas das experiências negras na literatura brasileira de forma política, de modo que as distancie de imagens de controle estereotipadas e enquadradas pelo racismo, classismo e o patriarcado.

Figura 2 - Conceição Evaristo



Fonte: Revista CLAUDIA

Em uma live chamada “Histórias que meus livros não contaram”, Conceição Evaristo aponta sobre o que são os textos originados em escrevivências.

[...] Escrevivência nasce dentro do campo literário justamente sendo uma chave de produção do próprio texto literário, sendo fundamento de produção do próprio texto literário como também se transforma num fundamento de leitura do texto literário. Acaba sendo também uma chave de leitura e vamos ver que são textos que nascem de uma experiência muito específica, né. Esses textos que nós estamos pensando como escrevivências tanto na produção quanto na leitura são textos que nascem da produção de mulheres negras, de uma produção literária que, inclusive, tem uma certa dificuldade para estar no cânone. Então nós vemos que é também um conceito que provoca e acolhe vozes até então obliteradas dentro do próprio processo de criação literária. Mesmo nas áreas consideradas humanas ainda ficava alguma coisa de fora e parece que a escrevivência aparece com muito mais vigor. A escrevivência em todas essas áreas de conhecimento, ela surge, talvez, possibilitando muito mais a esses campos do conhecimento criar uma certeza que elas tão trabalhando com o sujeito humano (NOSSAS ESCREVIVÊNCIAS, 2023).

Em minhas pesquisas sobre o que seria esse termo, encontrei o e-book ‘Escrevivências: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, produzido e distribuído no contexto pandêmico de 2020. “Da grafia-desenho de minha escrita, um dos lugares de nascimento minha mãe”, é um dos artigos em que Evaristo (2020) revela as características de uma metodologia para a escrita de mulheres negras e se auto indaga acerca dessas escritas. Todos os tipos de papéis escritos que estavam ao alcance de Conceição quando criança eram escritos pelas mãos das mulheres negras ao seu redor.

[...] retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e os nossos) e ainda a de um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? (p.53).

E não somente as palavras escritas, mas as palavras jorradas pelas conversas entre as mulheres, entre as tias, a mãe e as vizinhas. A mãe lavadeira desenhava o sol no “página-chão” (p.49), trazendo assim, talvez, uma prática ancestral para que o Sol apareça e seque as roupas de sua patroa. Diante disso, Evaristo afirma que ela aprendeu a colher as palavras.

Em outro texto, “Escrevivência e seus subtextos”, Evaristo revela que diferentemente da escrita a partir do mundo, de Clarice Lispector, ou a pintura de si como descreve Frida Khalo, a escrevivência de mulheres negras não está para dominar o mundo, mas numa inscrição na vida e de maneira coletiva. É uma escrita de imersão e não de extensão.

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (p.35)

Na linha de escrevivências, um trabalho que me inspirou foi o de Paula Gonzaga (2019), que firmou o conceito efeito abebénico, referente aos abebés (espelhos), dos orixás Oxum e Iemanjá.

Ao passo que Oxum é o autoconhecimento, Iemanjá, Senhora de todas as cabeças, carrega um espelho de prata, onde enxerga os outros, o conhecimento através da empatia. Quando Teresa nos diz que nosso espelho é outro ela remonta a outros signos que transcendem a leitura simplória de que o reflexo é uma versão de si, nesse trabalho, onde a metodologia do encontro orientou a construção dessas narrativas foi evidente que diante dessas mulheres o que via era um reflexo de mim e de muitas, reflexo de processos históricos que me atravessaram e me atravessam e compartilho com elas, mesmo que tenhamos nascido em cidades distintas. Não são semelhanças de traços físicos apenas, não é sobre cor ou textura capilar, é sobre uma imagem que se formou - e se forma - a partir do que chamo efeito abebénico: vivenciar o espelho como imagem e como reflexo, como sujeita e como distorção imagética, como presente passado e futuro. O pior que pode acontecer - e ainda acontece - conosco, é perder essa imagem e passar a enxergar no espelho apenas um recorte mutilado de quem somos.

Foi a partir desse olhar que Paula Gonzaga (2019) pôde colocar com tanto afeto as narrativas de suas irmãs <sup>11</sup>sendo atravessadas por marcadores de raça, de gênero, de sexualidade e de classe.

Encontrei também na produção intelectual de Rafaela Queiroz (2023), em seu trabalho “Escrevivências de corpos racializados com a assistência médica em Careiro/AM e Manaus/AM”.

A escrevivência pode ser entendida como uma escrita acadêmica decolonial de pesquisadoras da periferia do mundo, que traz à tona as estratégias de escritas utilizando a memória, a oralidade, as vivências, o cotidiano. Com as reflexões da tradição da escrita antropológica, que perpassam a minha escrita situada e particular, busco uma escrita mais próxima e humanizada da minha vivência em campo ao escrever as vivências das minhas semelhantes (p.21)

Sabemos que nem todas as mulheres negras se dizem feministas por conhecer ou não este movimento político e intelectual. Outras seguem uma perspectiva do mulherismo africana. Outras seguem outros pontos de vista para falar sobre raça e gênero. O ponto em comum sempre é a humanização dessas pessoas.

Patricia Hill Collins (2019), por exemplo, uma das produtoras do feminismo negro em contexto estadunidense destaca a autodefinição como um recurso para atribuir

---

<sup>11</sup> Não no sentido de família biológica, mas de família espiritual que compartilham a mesma fé, e por vezes, a luta de ter os mesmos marcadores de raça, classe, gênero e religiosidade.

humanização às mulheres negras e se é um recurso que se atribui é porque historicamente foi retirado ou até mesmo nem considerado uma humanidade em ser mulher e em ser negra. Para Collins, em uma sociedade racista e sexista, são geradas inúmeras imagens de controle propagadas por instâncias dominantes de raça, gênero e classe. Mulheres negras apelam à solidariedade e à consciência sobrevivente como meios relutantes a tais imagens. Collins (2019, p.282) afirma que “[...] a questão mais abrangente de encontrar uma voz para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras permanece o tema principal no pensamento feminista negro”

Segundo Collins (2019), as mulheres afro-estadunidenses não eram passivas quanto ao uso negativo de suas identidades, cada ato individual de resistência ao que era posto sinalizava uma consciência coletiva que elabora contra narrativas às imagens controladoras fincadas pelo racismo, sexismo, cis heteronormatividade e pelo capitalismo.

O conhecimento construído do eu emerge da luta para substituir imagens controladoras por conhecimento autodefinido considerado pessoalmente importante, de ordinário, um conhecimento essencial à sobrevivência das mulheres negras (COLLINS, p.283)

A autora defende que há espaços sociais que permitem esse compartilhamento coletivo sobre quais estratégias adotar contra ideias equivocadas e violentas sobre qual a identidade da mulher negra. Tais espaços são construídos pelos laços informais como o relacionamento de amizade e familiar com outras mulheres negras bem como em associações formais de mulheres negras. “No conforto das conversas cotidianas, por meio de conversas sérias e do humor e na condição de irmãs e amigas, as mulheres afro-americanas afirmam a humanidade umas das outras, afirmam sua excepcionalidade e seu direito de existir” (2019, p.287). Um dos pilares dos movimentos contra as imagens controladoras é o autorrespeito que as mulheres negras cultivam e demandam. Entende-se, assim, as lutas individuais e coletivas para desenvolver uma consciência transformada e passível de novos significados.

Um desses espaços analisados por Collins (2019) é a arte. Com a tradição da música afro-americana, por exemplo, principalmente se referido ao Blues, é mencionado por Collins como uma possibilidade de abrir palcos para vozes de muitas mulheres negras estadunidenses. O grupo dominante falhou em compreender a função social da música para a vida dos povos afrodescendentes. Como é a capoeira em terras brasileiras, a meu ver, por exemplo.

A literatura negra exerce também papel importante para proporcionar imagens emancipatórias e positivas das vivências das mulheres negras. Um dos exemplos literários que leva em consideração a intersecção entre classe, raça e gênero é a criação da personagem da trabalhadora doméstica negra em “*Like One of the Family*”, da romancista Alice Childress. Por meio de curtos monólogos com sua amiga Marge, Mildred fala abertamente sobre uma série de assuntos que revelam o posicionamento feminista negro de Childress. (COLLINS, 2019). Como em uma das passagens do livro:

Eu não sou de modo algum igual a alguém da família! A família come na sala de jantar e eu como na cozinha. Sua mãe pega a toalha de mesa de renda para a visita e seu filho se diverte. com seus amigos no salão, sua filha tira a soneca da tarde no sofá da sala de estar e o cachorro dorme no seu tapete de cetim (...), então você pode ver que eu não sou exatamente igual a alguém da família.

Para Collins (2019), a passagem evidencia duas ideias. Uma de que tal resposta dada para seu chefe é espelho de como muitas trabalhadoras domésticas negras desejam expor suas inquietações no ambiente de trabalho. Outra ideia é que tal resposta contrasta diretamente à ideia de *Mammy* propagada nos Estados Unidos, um estereótipo racista que camufla o trato inferior dado à vida de mulheres negras cuidadoras de crianças brancas e muito comum como prática nas casas e apartamentos das elites e da classe média brasileira.

Collins revela o peso que esse tipo de escrita reflexiva alcança. É uma diversidade de mulheres negras das mais diferentes classes sociais que consomem esse conteúdo. A personagem foi criada e publicada primeiramente para o jornal *Freedom* e tinha como leitores diversas trabalhadoras domésticas, o que evidencia uma prática que segundo *Patricia* tem sido rara na produção intelectual negra. De autores negros escrevendo para leitores negros através de um meio controlado por pessoas negras.

“Desde os anos 1970, o aumento da alfabetização entre os afro-americanos propiciou novas oportunidades para as mulheres negras dos Estados Unidos expandirem o uso da escolaridade e da literatura para lugares institucionais de resistência mais visíveis. Uma comunidade de escritoras negras emergiu a partir de 1970, na qual as mulheres afro-americanas se engajaram em diálogos entre si para explorar assuntos antes considerados tabus.” (COLLINS, 2019, p.297)

Isso me faz lembrar de quando ia brincar na casa da vizinha. Ela era uma professora aposentada e a neta era dois anos mais nova que eu. Tenho a memória de uma vez a empregada dela, que devia ter uns 18 anos ou menos, vinda do interior, como é costume em Manaus, relatar para mim que estava indo embora porque a patroa tinha visto em seus diários queixas sobre cuidar da neta da patroa e tolerar alguns abusos. Nesse sentido, revela a maneira quando Conceição fala sobre que “escrever” adquire um sentido de insubordinação. É no

diário, no desenho e no falar sobre experiências que mulheres negras podem registrar os tabus que as cercam, aliviar o sofrimento contra as imagens negativas que escutam da sociedade.

Quero apresentar um dos contos, de Conceição Evaristo, que estão na sua obra 'Insubmissas Lágrimas de Mulheres'. Com o título Natalina Soledad, fala de uma mulher que criou o próprio nome. Natalina Soledad, com seis irmãos mais velhos e não apreciada pelo pai por conta do seu gênero, muda de nome como parte da autodefinição para criar narrativas sobre si. No conto, "traição de primeira" (p.20) era o que sentia o pai da personagem sobre o próprio corpo e o corpo de sua mulher, que produziram uma menina. Troçoléia como era chamada pelo desprezo de seus pais cresceu em aparência semelhante à de seu pai e diferente de seus irmãos homens. A semelhança era tanta que passaram a chamar de Silveirinha. (Costume brasileiro também, pois lembro que na infância muitos amigos homens de meu pai me chamavam de Luizinha, como homenagem ao nome dele). Uma versão feminina de seu pai, Arlindo Silveira Neto. Troçoléia se negava a responder quem a chamasse assim. O desprezo pelo nome cresceu igualmente ao desprezo pelos pais. E desde criança mirou em um único objetivo: trocar de nome. Foi com a morte dos dois, que aos 30 anos, ela foi ao cartório finalmente esbravejar seu novo nome: Natalina Soledad.

Considero o conto Natalina Soledad como uma alegoria ao combate de imagens controle tanto no arco dramático a que se condiciona a personagem título quanto na única relação saudável que ela experimenta ao longo de seu desenvolvimento com a empregada doméstica. Chama atenção, em particular, a relação da protagonista com a empregada doméstica de sua família: ao mesmo tempo que esta é a única pessoa do convívio doméstico a acolher e respeitar a protagonista, também é a única a ter laços próximos com a empregada. Desta forma, a autora dialoga com a máxima que atribuí às mulheres empregadas domésticas o lugar de quase da família. Apesar dos distratos constantes aos quais a empregada era submetida, esta parecia o mais próximo de um ente familiar para a protagonista, sendo "quase família", portanto apenas de quem compartilhava consigo a repulsa de seus empregadores. Ao cruzar as histórias dessas duas personagens, a autora parece buscar um diálogo interseccional entre as vivências de raça, classe e gênero.

A história da personagem Natalina rejeitada, desde o ventre da mãe, única e exclusivamente por ser mulher reflete a vivência de quem foi vítima da noção de inferioridade da mulher atribuída pelo patriarcado e do preterimento dispensado para com gênero feminino. O desfecho de sua história, no qual, por acontecimentos externos, mas também através de

ações da própria protagonista, se ver livre da família, da herança, de seu próprio nome e de todos estes símbolos de opressão a qual fora submetida. Portanto, representa a superação das dificuldades a ela imposta como resultado de uma luta, resistência e resiliência. A ação de Natalina se autonegar tem também um significado especial, trata-se de uma autodeterminação de si a partir de um lugar de testemunha de sua própria vida, considerando o testemunho do passado dela em função de uma melhor compreensão do presente e das marcas as quais Natalina carrega. Por fim, quando a indagação é feita pelo funcionário do cartório, o leitor é levado a refletir sobre o significado do nome Natalina Soledad, nascida em meio à solidão, uma definição que dialoga com o conceito de solidão da mulher negra, debatido no feminismo negro, assim se insere mais um ponto de vista coletivo.

Nesse sentido, Conceição (2020, p.54) afirma que “escrever adquire um sentido de insubordinação”. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada”. Para Maria Aparecida Andrade Salgueiro (2022), o movimento de superar tais imagens negativas vêm sendo criado também por intelectuais negras brasileiras feministas e ativistas como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Nilma Lino Gomes que impulsionaram a celebração de escritos de mulheres negras como Conceição. Citar essas mulheres é de suma importância para compor um quadro de referência da luta intelectual e política sobre tais questões. Elas são autoras que para além da questão étnica se identificam politicamente como negras por meio de uma consciência histórica e política que enfrenta as imagens negativas criadas pelo racismo e o machismo. Elas enfrentaram enormes barreiras seculares contra uma dupla exclusão social: não apenas são mulheres – são mulheres negras. Tais mulheres romperam as barreiras e tornaram-se potências criativas e dominadoras da arte da palavra para denunciar as estruturas que ditam até onde mulheres negras podem adentrar.

Salgueiro (2020) ainda nos traduz a dialética de Stuart Hall sobre identidade cultural, em que se há duas vias de proposta. A primeira via é a tradição, que traz elementos ancestrais para “redescobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdida” e a segunda via é da tradução, como sendo sujeita ao “plano da história, da política, da representação e da diferença.”. Em outras palavras, algumas identidades nos textos literários da diáspora africana giram em torno daquilo que Hall chama de tradição, a tentativa de recuperar sua “pureza” anterior e redescobrir as unidades e certezas que são sentidas como

tendo sido perdidas. Outras identidades aceitam estarem sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é impossível que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”. Essas, conseqüentemente, giram em torno do conceito de tradução. (Salgueiro, p.103)

Para Maria Nazarateh Soares Fonseca (2020), os escritos de Conceição Evaristo são estratégias discursivas de uma subjetividade negra feminina, que revela ao mesmo tempo um eu-negro e uma voz coletiva e as características fundamentais que compõem as escrevivências, segundo as reflexões de Salgueiro (2020) são: Ela identifica trechos de uma declaração de Evaristo sobre o conceito de escrevivência e sua relação com a ação de escrever a partir dessas características.

As narrativas literárias, sobretudo, de mulheres negras brasileiras e de indígenas evidenciam o antirracismo, a busca por uma identidade e a luta contra as desigualdades sociais nos direcionam a pensar que raça, gênero, classe social e nacionalidade não são separados, mas caminham juntos e se relacionam entre si.

## CAPÍTULO 2 – ESCRIVIVÊNCIAS DE UMA MULHER NEGRA AMAZÔNIDA

### **Pele parda, manchas brancas**

Eu tenho algumas manchas brancas na minha pele

Releve

Eu tenho algumas manchas negras na minha pele

Isso repele

Seria eu Macunaíma?

Pois fui embranquecida

Sou a veste do progresso brasileiro?

Leite azedo adicionaram nos meus genes

Disseram que estavam sujos por inteiro

E que precisam ser limpos pelo sangue do cordeiro

Por que queria me alvejar?

Que pele é essa que tenho que almejar?

Minha filha terá mais manchas brancas do que eu?

Minha mãe preta empobreceu

Meu pai pardo enlouqueceu

Tentando entender de que pele nasceu

O sangue do cordeiro eu não bebi

Foi do Rio Negro que surgi

E nesses versos para encontrar origem

Cavuco as raízes

Fica uma vertigem

Sou não-branca, *non Bianca*.

Disso eu sei

Qual história da minha família vou fabular pra vocês?

(Autoria própria, 2022)

Figura 3- Olhar para o passado é também olhar para o futuro



Fonte: Autoria própria

Nesta obra acima<sup>12</sup>, eu reúno fotografias autorais, exceto a foto de minha mãe Lucimeire me carregando no colo. Cada fotografia, de alguma maneira, retrata a minha ancestralidade e família. A foto de minha mãe bem nova, com seu cabelo crespo, me carregando quando eu era um bebê. O rapaz negro em primeiro plano é meu irmão e vejo ele como um outro ponto vista que presenciou o caos de nascer na mesma família, escolhi esta

<sup>12</sup> Criada durante a residência artística Plataforma Ribanceira, da [produtora Café Preto](#). O tema da exposição para o ano de 2024 foi [Encruzilhadas Amazônicas](#).

posição da foto porque simboliza como se ele estivesse visualizando o futuro. Há também outras fotografias presentes que dialogam comigo, como a foto do prédio deteriorado da maternidade que nasci, localizado no bairro Cachoeirinha, as acerolas colhidas da árvore que meu avô paterno plantou na casa onde meus pais moram até hoje, o pescador e o rio evidenciando uma prática comum da cidade de Tapauá, onde minha mãe nasceu, o ninho do pássaro Japiim atrás do meu irmão, um ninho muito comum no bairro Japiim, onde eu e ele crescemos. E por último, as fotografias de dois desenhos que eu fiz, um sobre os orixás Ibeji, que são gêmeos e simbolizam sorte, e o outro a pintura de um rascunho de técnica em degradê, que é um passatempo que gosto de realizar e pra mim simboliza os diversos tons de cores que encontramos ao viver. Decidi colocar também um trecho de música da Elza Soares “Eu não vou sucumbir”, que traduz muito um sentimento de “pegar” um fôlego de vida.

Figura 4- Colagem de Família



Fonte: Arquivo Pessoal

Eu nasci em Manaus. Há 28 anos. Falo com sotaque manauara. Morei a maior parte da minha vida na zona sul da cidade de Manaus, nos bairros Japiim e Betania e uma pequena parte no centro-sul, no bairro Parque 10. Sou amazonense assim como os meus pais. Minha mãe nasceu em Tapauá, perto dos rios *Purus* e *Ipixuna*, e meu pai nasceu em Manaus, perto do rio Negro. Fenotipicamente minha pele é de cor marrom, com algumas manchas brancas no braço direito e tatuagens no braço esquerdo, tenho cabelos ondulados de cor preto na altura

dos ombros, tenho olhos na cor marrom escuro, lábios de espessura médio grossa, nariz com contorno em formato de onda e com base rebaixada e frequentemente uso óculos de grau para amenizar a miopia e o astigmatismo.

Figura 5- Autofotografia



Fonte: Arquivo Pessoal

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) me autodeclaro parda, pertencendo, desse jeito, ao grupo de negros no Brasil. Ainda para o IBGE, pertencço a classe econômica E por ganhar, atualmente, um salário-mínimo e meio. Ingressei no ensino superior por meio das cotas sociais raciais e finalizei a graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A pré-alfabetização, ensino fundamental e médio também foram por meio de escolas públicas.

Ainda que por vezes me faltem as palavras, as que ficam são influenciadas pelo que vi, o que senti, o que cheirei, qual cor, qual som, qual voz, qual entonação chegaram até mim e quais busquei. Apesar de manter diários com uma certa frequência, sempre expressei melhor meus sentimentos por rabiscos de desenhos ou por fotografias porque sempre queria registrar o momento para refrescar a memória em outro momento. O que isso tem a ver com produção acadêmica? O trabalho intelectual mediado pela universidade é um universo que eu sempre entendi como um catalisador que poderia me dar mobilidade social financeira, mas sempre foi bem difícil eu entregar tal trabalho nos moldes que a universidade exigia. Encontrar uma intelectual como a Conceição Evaristo fez meus olhos brilharem novamente pela produção de

escritos e outros meios de expressão. Me identifico com a fala de Fernanda Felisberto (2020), no artigo “Escrevivência como rota de escrita acadêmica” em que a escrita acadêmica de um trabalho final de curso é travessia intelectual e espiritual e sempre me vem à pergunta, eu enquanto me identifico como mulher e negra, para que eu estou na Universidade? Conceição Evaristo enfatiza que (2007, p.21) “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. A escolha de partir do gênero memorial facilita relatos de experiências que contribuirão para uma análise de vida sob a perspectiva de mulheres negras já inseridas no ambiente acadêmico. O gênero memorial como afirma Fonseca (2020) tem sido um caminho alternativo que estudantes de graduação em que ela orientou encontrou para obter mais autonomia, segurança e uma valorização da história pessoal diante de uma escrita convencional.

O percurso de trazer as escrevivências para o mesmo pódio dos outros gêneros de textos acadêmicos concede a distinção de convocar a autoria a se fazer presente em primeira pessoa, sem modalizadores, fazendo com que essas novas produções sejam textuais, mas também sensoriais, pois têm som, têm cheiro, têm paladar, têm aconchego, mas também têm dor, e expurgar a dor é fazer as pazes com o presente. (Fonseca, 2020, p.173)

Felisberto (2020, p.197) pontua que há “constelação de mulheres negras brasileiras que, de dentro das distintas universidades pelo país estão consolidando, por diferentes vias, um processo de ativismo acadêmico, o qual também gosto de pensar como uma espécie de reparação epistemológica”. Minha proposta é construir um conhecimento para quem interessa desvendar as experiências de mulheres de camadas populares no meio acadêmico e utilizar dessas autoras negras que refletem sobre intelectualidade de mulheres negras.

Voltando à pergunta, enquanto me identifico como mulher e negra, para que eu estou na Universidade? E arrisco responder: Assim como Frida Kahlo pintou a si mesma em “Duas Fridas”, eu também quis pintar as “duas Blancas” através deste memorial. Propus conversar comigo mesma, mas não somente com o meu outro eu adulto/ideal. Quero conversar com a minha versão criança e também propor para minhas versões futuras, sejam elas quem quiserem ser, que cuidam das feridas sociais que minhas versões passadas presenciaram e que busque sempre cuidar de si mesmas e exigirem qualidade de vida para si e o mundo, seja de quem for. Mas também como Conceição Evaristo enfatiza que a escrevivência é coletiva e é

“para acordar os da casa grande dos seus sonos injustos” então o que proponho aqui não se resume a uma história sobre mim.

Figura 6 - Duas Fridas



Fonte: *Museo de Arte Moderno*

E antes de convidar você para conhecer meus relatos temos que fazer alguns acordos. O primeiro deles é que o racismo ou qualquer outra estrutura excludente não é protagonista da minha história. Como todo tipo de estrutura excludente há violência para que se mantenha, logo minha história perpassa por violências, mas ela não se resume a essa condição. Como bem resume minha referência nortista preta, Zélia Amador (2019), o racismo é antagonista e se tornar herdeira de *Ananse*<sup>13</sup> é um exercício protagonizado por quem reage à desigualdade e se apropria de instrumentos de eliminação dessa desigualdade, como as políticas afirmativas, a denúncia e as fronteiras para além da academia que nos movimenta para um combate à estrutura racista brasileira. O tom de denúncia e autoafirmação foi uma escolha para

<sup>13</sup> Termo utilizado no trabalho de Zélia Amador como simbologia da luta antirracista, baseada no mito da deusa Ananse, que se transforma em aranha para vencer seus inimigos, na perspectiva dos povos fanthi-ashanti, da região do Benim, na África Ocidental

compreender a experiência atravessada por marcadores sociais do ser mulher e do ser negra. Amador me incentiva quando escreve:

Antes, o que aqui pretendo é trazer para o campo das ações importantes aquelas ações vistas como corriqueiras, banais, meras ações cotidianas, desprovidas de qualquer valor, como ações componentes, fios que sempre e em algum lugar se unem e formam um grande repositório de continuidades e sobrevivências. (2019, p.134)

Os meus métodos para essa pesquisa foram a escrivência apoiada em levantamento fotográfico de álbuns de família, os encontros e conversas com a minha mãe, a maioria de nossas conversas eu anotava minhas impressões em cadernos ou notas no celular. Muitas das lembranças dos eventos familiares que me recordo nesse texto foram anotadas também e questionadas. São memórias. Por vezes, falhas. Por vezes, vívidas. Por vezes vívidas falhadas.

Uma referência não negra que pretendo colocar em diálogo com as mulheres negras, é a indígena, da etnia Guarani, Sandra Benites Guarani *Nhandewa* (2023) para tratar da questão da memória e corpo. Para Benites (2023) o que define a memória ancestral é traçada pelo que seria se autorreferenciar e atravessar e ser atravessada pelo coletivo. Ela afirma: “eu costumo dizer que as nossas referências somos nós mesmas. Então, o que é isso de "A referência somos nós mesmas?" (2023, p.2).

Na visão Guarani, a memória ancestral “é aquilo que contam para a gente, e aquilo em que a gente acreditou e acredita. Tem gente que não acredita mais, e isso tem um porquê – a gente não acreditar –, mas fica na memória. Coisa boa, ela fica na memória” (2023, p.3) e explica mais: “Essa memória vai demarcar o nosso corpo. Então, coisa boa, coisa ruim, ela vai demarcar. Por isso que eu costumo dizer essa questão do *teko*. O *teko* é o modo de ser, o modo de viver, o modo de estar no mundo. Então o *teko* também tem a ver com a memória.”

O que a gente pode construir a partir do *teko*, da memória, pensar para o futuro – que é o *tenonde*, que seria “para a frente” –, para a gente é para a frente e é futuro. Então, quer dizer, olhar para a frente. O que é olhar para a frente? Para você olhar para a frente, você precisa entender o que é a memória que você tem. A partir dessa memória – boa ou ruim –, a gente consegue selecionar algo que é importante pra gente, que é para o futuro, que o *jurua* chama de “legado”.

Acredito que achar que aqui poderá se sobressair uma vestimenta de autobiografia, porém, compartilho as mesmas palavras de Bourdieu quando ele enfatiza em seu livro *Esboço de Autoanálise*: “Isto não é uma autobiografia” (p.35), mas uma perspectiva de emoção

racionalizada, como pontua Micelli na introdução do livro frente às suas reflexões do contato dele com as etnias na Argélia.

Ele defende que “existem muitos intelectuais que interrogam o mundo; há poucos intelectuais que interrogam o mundo intelectual” (p.56) e aqui acredito que Evaristo se manifesta e inspira. Quero que minhas memórias sejam para uma escrita coletiva, política, pois sei que muito do que vivenciei dialoga com a vivência de outras mulheres que se autodeclararam negras e as que não se identificam as encorajo a denunciar também a partir de suas histórias de vida.

Quando convido Goffman (1956) à mesa das minhas escritas encontro a noção de performance de si, posta como um conceito que exemplifica a noção de ator social, como se no teatro da vida estivéssemos em palcos diferentes e performando de diversas maneiras. Ora sou filha. Ora sou estudante. Ora sou profissional. Ora sou afeto. Ora sou desafeto. “A conduta humana depende de seus cenários e relações pessoais. Portanto, estamos todos imersos em uma gestão constante da nossa imagem diante do resto do mundo” (p.40)

Formei em Relações Públicas, cujo objetivo é atenuar problemas advindos da imagem, reputação e identidade do relacionamento entre organizações e seus públicos. Sei que para sobreviver precisamos firmar alianças com outros humanos, formar elos, comunidades e aquilombamentos e somos interdependentes de todo um sistema de organismos vivos, como é a instituições feitas por pessoas. Para Goffman (1956) queremos administrar a melhor versão de nós para os outros e ainda dentro do nosso critério do que é ser o melhor.

Qual cenário eu me encontro hoje? Estar diante da academia contribuindo. E para que quero influência sobre meu espectador? Se não for pra mudar o mundo, para convencer, para sobreviver? Eu não venho para esse palco para me despir em vão. O convite para conhecer uma parte performática, mas ainda eu escrevendo é para que se encontre uma coletividade para que repensemos o sistema de opressões que ditam o cotidiano. Administrar as impressões. A minha espontaneidade pode parecer forjada pois tenho que colocá-la sob algumas normas, mas minha identidade é política. Eu não atuo só. A imagem que escolhi foi por uma via política que contribua para o conhecimento. Mas olha que coisa! Minhas escolhas profissionais me moldaram, não foi? Relações-Públicas: Administrar imagens, gerenciar crises para empresas e instituições dentro de um sistema capitalista para que não se perca o

lucro, mas sempre esquecemos que somos humanos que ser “cancelado<sup>14</sup>” e “cancelar” hoje em dia é nos afastar da responsabilização. Quero enfatizar que por mais pareça uma performance de si, parto da escrevivência. Portanto, escrevo essa dissertação, para fazer da instituição um espaço de afirmação para a voz estar, para que os meus que não entraram numa universidade possam entrar comigo, como minha mãe e meu irmão. Por muitas vezes gosto de me isolar, mas sei que me sinto mais forte quando eu estou escrevendo com e para o coletivo.

Eu vim da geografia de certos bairros, eu vim do cotidiano de certas famílias, eu vim de experiências. Sentar-se para escrever sobre minhas vivências foi doloroso em muitos momentos e garanto a você que eu tive que selecionar quais seriam compartilhadas, nem eu mesma mais posso dar conta de tantos ciclos de dias que eu vivi. Além disso, são exposições. Em nenhum momento estava preparada para expor, mas decidi compartilhar pois o que me motiva a escrever na maioria das vezes é estar como se eu estivesse conversando com os afetos positivos que estão mais perto de mim. É com eles que penso o mundo. Eu escrevo o mundo e denuncio muitas vezes como as desigualdades sociais no Brasil são sufocantes.

Desvendar a contribuição das culturas negras no norte do Brasil propõe desafios aos que se interessam em identificar a presença negra como tema de pesquisa científica. “O Negro no Pará” é um dos trabalhos pioneiros que critica uma literatura escassa e estereotipada existente sobre o negro na Amazônia. O autor, Vicente Salles, traça o legado cultural de povos dos territórios conhecidos hoje como Guiné, Moçambique, Angola e de outras procedências de seus descendentes que adentraram e permaneceram na Amazônia. A obra foi publicada no começo da década de 70 em parceria estabelecida entre a Universidade do Pará e a Fundação Getúlio Vargas e preenche lacunas a respeito do processo cultural estabelecido pela presença negra na Amazônia.

Salles (1971) pontua as condições que culminaram a entrada de escravizados no Pará através de assentos mediante contratos da fazenda real com particulares, das companhias de comércio do Grão-Pará e Maranhão, da iniciativa particular, do contrabando e do comércio interno entre praças negreiras para a movimentação da economia agrária e extrativistas em contexto escravocrata por meio de suas forças de trabalho nos nascentes centros urbanos em meio à uma densidade florestal tropical.

---

<sup>14</sup> Termo utilizado principalmente na internet para definir alguém que repercutiu negativamente uma fala ou uma ação e foi linchado virtualmente por isso

Num dos ângulos de análise dele, o lazer desses povos traficados, eram definidos princípios religiosos católicos de descanso. Decretava-se dias de folga tanto para os escravistas devotos quanto para seus escravizados, que posteriormente abundou o imaginário cultural da população amazônica no Brasil. Sua herança cultural se traduz nos festejos e contos folclóricos, que traduziram-se como a própria cosmovisão filosófica e devota das diferentes etnias presentes no território amazônico.

Todavia, não terá sido nem pelo fator étnico, que de alguma forma conduz, a dinâmica cultural, nem tampouco pela densidade da população, que o negro haveria ou não de influir culturalmente, o autor defende

[...], mas é bom lembrar que, para haver difusão cultural, basta que o que se transmite à comunidade mereça aceitação coletiva e que qualquer amostragem de dados etnográficos e folclóricos comprovará que o negro contribuiu em larga escala para dar mais amplo embasamento à cultura regional. Uma prova disto é a lúdica amazônica, essencialmente negra.” (SALLES, 1971, p.66)

O lazer dos escravizados trouxe diversas atividades festivas. O contato da produção cultural de povos africanos entre si e com as culturas indígenas e europeias produziu uma vasta riqueza folclórica na Amazônia. No Pará, pode-se notar a marca dessa fusão cultural a partir de danças como o carimbó e lundu, as festividades ornamentadas por fogueiras e a presença de instrumentos indígenas nas rodas de capoeira, e os cultos aos santos negros, como a celebração ao São Benedito. Em contraste, o bumba-meu-boi era visto como negativo, pois era conhecido como uma festa de raízes africanas e não sincretizada como era a de São Benedito. Alguns pesquisadores dedicaram-se ao registro da história oral de origem africana transmitida por contadores de histórias. Os contos revelam os enredos sobre criaturas míticas da floresta amazônica que carregam características africanas e indígenas, como o Mapinguari, Curupira, a Iara e Matitaperê (SALLES, 1971). Vale ressaltar que o carimbó no Pará, o marabaixo do Amapá, o Bumba-Meu-Boi do Maranhão, o Boi Bumbá do Amazonas são narrativas transmitidas de uma filosofia viva das cosmovisões do que chamamos hoje de África Central.

Quando falamos em presença negra na Amazônia não podemos deixar de lado os estudos referentes aos quilombos. O resgate histórico e as reflexões realizadas por Rosa Acevedo e Edna Castro, em “Negros de Trombetas” percorre uma narrativa de emancipação política quilombola. “O confronto com a sociedade escravista e o manuseio de informações

sobre possibilidade de liberdade fazia crescer, entre eles, o projeto de emancipação” (ACEVEDO, CASTRO, 1998, p.22) Os movimentos de fuga dos escravizados para as florestas em torno das vilas de Óbidos e Santarém no Pará, por exemplo, a região que ficou conhecido como mocambos sitiados a beira do rio Trombetas e sua relação com a identidade étnica dos descendentes de quilombos. (ACEVEDO; CASTRO, 1998)

Para as autoras, a existência de um espaço quilombola só é expressado como tal pela existência do negro quilombola.

“Relembramos a denominação do lago Mocambo, dada após a presença nele dos escravos. Como tal, seu nome é o reconhecimento da relação do escravo fugido com o lugar. Ampliando ainda essa reflexão, o Médio rio Trombetas é nomeado distintamente pela presença exclusiva negra, ressaltando a originalidade de sua formação e a particularidade étnica.” (1998, p.78)

As perseguições e destruição de quilombos pretendiam evitar o vazio do posto escravista, o que para os escravistas justificavam a utilização agressiva ao destruir quilombos. (ACEVEDO; CASTRO, 1998)

O movimento dos negros dos Trombetas desencadeou a criação de elementos articuladores de uma existência social estável, com regras de organização econômica e política que lhes permitiram organizar-se como coletividade diferente e até necessária para a sociedade escravista regional. (ACEVEDO, CASTRO, p.1111)

Com os rios, as cachoeiras, com a fauna e a flora amazônica estabeleceu-se uma alternativa de modo de vida para escravizados africanos, do trabalho de monocultura para o desenvolvimento econômico colonial como luta para estabelecer a própria terra e a própria economia.

As produções intelectuais de mapeamento e visibilidade de quilombos dão vazão à discussão sobre autoria e as faces da autoridade da memória quilombola que se transformaram com o tempo. Neste artigo, iniciamos a discussão de um contexto social e político que diminuiria a contribuição negra na Amazônia, quando analisamos os estudos recentes sobre o negro na Amazônia abrimos a discussão sobre narrativas fomentadas pelos autodeterminados quilombolas que evidenciam uma nova classificação de identidade étnica. São nos trabalhos como “Narrativas quilombolas” e “Luta e resistência quilombolas” do projeto Nova cartografia social da Amazônia, que saímos de uma classificação limitada e colonial de que quilombos automaticamente são territórios isolados ocupados outrora por “escravizados fugidos”. Embora essa era a realidade de muitos indivíduos, hoje o que se pode pensar são em

relações sociais diversas que movem ações judiciais e políticas, como a ocupação de terras quilombolas que anteriormente eram engenhos, ou seja, havia quilombos coexistindo com engenhos em mesmos territórios. A autoria dessas comunidades é de suma importância para reescrita histórica.

Faz-se possível a partir dos apontamentos elencados uma compreensão histórica da presença e contribuição dos negros na formação cultural da Amazônia, bem como a rejeição de velhos paradigmas que colocavam as populações negras como coadjuvantes invisíveis da história local, seja por seu número reduzido, pela negação da mestiçagem, pelo apagamento das disputas de espaço entre quilombos e engenhos, ou pela rejeição da tradição oral destes povos enquanto fonte histórica. A participação de negros escravizados, alforriados e quilombolas, aferida tanto arqueologicamente quanto por entrevistas e levantamento histórico, faz-se explícita a partir dos resquícios do patrimônio material e imaterial construído e de sua relação com as narrativas culturais populares presentes nas populações amazônicas nos dias atuais.

Figura 7 - Meus Pais (1997)



Fonte: Arquivo Pessoal

### **Desenho do racismo**

Submissa. Raivosa. Você nem é tão negra assim. Agressiva. Saco de pancada. Objeto sexual. Pobre. Feia. Não pode ser mais bonita que uma mulher branca. Mimada. Autoestima baixa. Chorona. Essas são algumas imagens de controle que eu ouvi por anos e internalizei. A consciência de se perceber negra se deu por meio do meu contato com o outro, a maneira

como a sociedade me trata em certos lugares e pelo meu fenótipo. Quando menciono o contato do outro sobre meu fenótipo, classe social e demais características, me lembro das minhas relações familiares quando o racismo manifesta por meio das tentativas de afinar meu nariz, alisar o cabelo ou de não me assumir negra porquê de alguma forma isso me inferiorizaria, alguns colegas até me diziam “tu és morena, não negra” num sinal que ser negro é ruim.

Sou uma mulher de 28 anos, com pele negra clara, cabelos cacheados, lábios grossos, nariz negroide (lê-se como herança de povos africanos). Sei que por vir de Manaus, umas das cidades com mais origens indígenas, ainda não consigo sinalizar essa identidade indígena fenotípica por conta do apagamento histórico-político de indígenas e suas culturas. E eu me questiono muito sobre essa parte pois sei que há mulheres negras e amigas com a pele mais escura que a minha e passa por outros tipos de racismo. Eu lembro até de uma vez uma colega com a pele mais retinta que falou: “Bianca, tu és estranha” se referindo a aparência mesmo e refleti anos depois que até para algumas pessoas de pele retinta, eu não sou considerada negra, por conta disso me identifico com parda pois sei que não tenho a pele retinta, mas sou negra de pele marrom, e tentando ser quase como minha própria banca de heteroidentificação entendo que por conta dos traços físicos no rosto posso ser considerada negra. Sei que tenho descendência de etnias africanas assim como europeias no rosto, mas sempre tive curiosidade sobre quais etnias indígenas eu poderia ter herdado já que estamos na cidade com a maior presença de povos originários. Minha mãe nasceu no município de Tapauá e uma vez pesquisando sobre os indígenas daquele território me deparo com a etnia *Paumari*, o povo das águas e muitas das indígenas *Paumaris* que se instalaram em Lábrea, no município vizinho de Tapauá, possuem um fenótipo parecidíssimo com o de minha mãe. Então, eu não posso ter os traços, mas minha mãe com certeza se encaixaria numa categoria de descendência afro e indígena. A avó dela tem uma história que contou para ele vir de Lima, no Peru e ser descendente de indígenas. Sei que o pertencimento étnico indígena passa por critérios de cada povo, seja por ser aldeado ou em processo de retomada. Mas pensar na questão dos fenotípicos de pessoas amazonenses faz questionar o quão é soterrada que nem foram os igarapés a história dos povos indígenas pelo estado brasileiro no Amazonas.

Mas hoje, em 2024, me autodeclaro mulher negra a partir da percepção do meu corpo, do lugar de onde vim, da minha ancestralidade (meus pais, avôs e avós são pessoas negras) e

como uma identidade política em combate ao racismo brasileiro. Eu pertencço a esse grupo não-hegemônico, longe do padrão imposto por uma sociedade que hierarquiza ou ignora essas diferenças e desigualdades vindas delas. Quando cheguei no ensino médio, eu tinha muito medo de não passar numa Universidade Pública e tinha um pensamento: caso não passasse, minha vida acabava ali. Na minha cabeça de adolescente, precisava desse status, do tipo de educação que tinha lá e pela primeira vez quando vi a descrição da cota tipo 1- pardo ou negro, baixa renda, estudante de escola pública - eu aceitei que eu tinha essas características e me inscrevi no processo seletivo. Desde esse momento veio tentando entender como se classifica como pessoa negra e os impactos de assumir tal identidade.

A consciência de racismo na minha vida veio de indagar algumas memórias. Sempre aceitava o que os outros me diziam sobre minha pele ser moreninha, mas não me declarava menina negra. Fui criada pelo meu avô paterno, que era policial civil e lembro de algumas memórias sobre como ele reproduzia esses racismos, mesmo sendo um homem negro. Na infância, ele sempre me ensinava a afinar meu nariz. Lembro da figura dele como um senhor magro esticado me olhando de cima para baixo e colocando os polegares no meu nariz. Esse mesmo tipo de relato encontrei nas passagens do livro de Neuza (2021), com a entrevistada Luíza. Outras vezes, tenho a memória dele olhar “torto”, com desprezo, para meus amigos negros de pele mais escura que conversavam comigo no portão de casa. Em outra vez, lembro de ele me mostrando feliz os olhos dele que ficaram da cor azul pigmentado pelo glaucoma e isso me faz lembrar também do livro “O olho mais azul”. O orgulho dele era falar da sua descendência portuguesa e quando os irmãos dele, meus tios-avôs, vinham nos visitar percebi que meu avô era o único homem negro da família dele. Faz todo sentido para mim essa visão de mundo dele vir do contexto da década de 30, na qual ele nasceu, e que era o auge das ideias de eugenia propagadas no Brasil.

Quando li *Pele Negra e Máscaras Brancas*, do *Frantz Fanon*, todas essas memórias fizeram mais sentido ainda. Como se o racismo fosse uma grande aura nos rodando dizendo que a gente não pode se aproximar do grau de contraste escurecido, tem que caminhar em direção oposta, em direção a parte mais alva da sociedade. E isso não tem nada a ver com a pele, tem a ver com os hábitos, com jeito que se fala, com o jeito que se senta, qual faculdade escolher, com quem se relacionar e retomando as reflexões de Neuza (2021) a principal prática para que se aproxime da branquidade é a negação de raízes ou características negras e

os ancestrais são o principal meio para que se atenda às exigências da idealização de um ego almejado.

Figura 8 - Avô Paterno me segura no colo (1997)



Fonte: Arquivo Pessoal

Na infância, meu avô paterno me levou para conhecer e brincar com as crianças do bairro durante um aniversário de uma criança que tinha a mesma idade que a minha. Eu lembro da sensação de rejeição quando na hora dos parabéns ou entrega de brinde, não sei ao certo, a criança branca aniversariante falou pra mãe dela olhando pra mim: “Para ela não”. Pode haver vários outros motivos do porquê a criança me rejeitou, mas vem um ímpeto de perguntar, tinha a ver com a minha aparência? Eu tenho direito de achar que isso foi racismo?

Esse tornar-se não branco, esse modo de se perceber distante de características físicas e econômicas me trouxe bastante sentimento de inferioridade e de melancolia ao longo da minha caminhada. É assustador e ao mesmo tempo aliviador ler o livro de Neuza e se perceber nos relatos e trazer essa escrita memorial não é fácil, mas acredito ser um trabalho necessário para que eu indague os propósitos de estar numa universidade e como posso contribuir para o debate sobre as classificações não-brancas na sociedade brasileira por meio da escritivência.

Quando cheguei no ensino médio, eu tinha muito medo de não passar numa Universidade Pública e tinha um pensamento: caso não passasse, minha vida acabava ali. Na minha cabeça de adolescente, precisava desse status, do tipo de educação que tinha lá e pela primeira vez quando vi a descrição da cota tipo 1- pardo ou negro, baixa renda, estudante de escola pública - eu aceitei que eu tinha essas características. Eu explodi de emoção quando vi meu nome na lista dos aprovados da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Eu tinha muito medo de não passar. Talvez, eu nem estava preparada para entrar numa faculdade na época, não tinha maturidade para lidar com a responsabilidade da minha própria formação profissional, nem sabia se o curso se encaixava no meu perfil. Por conta disso, talvez, eu demorei a me formar.

Quando passei para o curso de Relações Públicas, foi uma alegria, mas ainda me sentia deslocada porque eu passei por cotas. Eu e mais uma colega na turma, porém, ela desistiu de cursar. Uma vez, uma professora perguntou quem se utilizou das cotas e eu levantei a mão, mas um colega virou pra mim e disse: “te manca”. Eu não perguntei o motivo dele, mas eu fiquei constrangida por ter assumido que passei por cotas. Me indago se tinha a ver com uma certa possibilidade por ser negra de pele clara e por ter cabelos alisados na época ou porque tinha que me envergonhar por passar na universidade por meio desse sistema. A sensação de rejeição novamente veio e surgiu o pensamento sobre quem passou por cotas não merece estar naquele ambiente tanto assim.

Nunca tinha me indagado do porquê da existência das cotas, não tinha a informação que os movimentos negros lutavam sobre a política de cotas e não é um tipo de esmola para o pobre, mas é fruto de políticas de reparação histórica quanto à condição de pessoas negras e pobres durante a escravidão e outros formatos de opressão social. E uma das formas de esclarecer isso melhor, para mim, foi através da música “Cota não é Esmola”, da Bia Ferreira. “Nem venha me dizer que isso é vitimismo, não coloca a culpa em mim para encobrir o seu racismo.” [OBJ]

A Universidade Federal do Amazonas selecionou uma adolescente parda e de baixa renda para compor sua comunidade de estudantes e a transformou em uma mulher intelectual e assertiva. Conforme os anos foram passando entendi que passar pela experiência do ensino superior era a minha alforria das condições de renda baixa e dos episódios de autoestima baixas, porém, a compreensão não levava a efetivar no dia a dia. Ainda assim, fico com um nó na garganta. A primeira da família a entrar. Meus pais não entraram. E fico com essa sensação

de que o Estado brasileiro permite só alguns da classe baixa. Durante esse tempo na universidade, eu tinha uma autoestima intelectual baixíssima. Me sentia menos inteligente do que os demais que estavam na minha turma. Nos três primeiros anos, eu ia a pé para a universidade pois o bairro é um dos mais próximos, o que configura um privilégio visto que tinha muitos colegas que vinham de outras zonas distantes da cidade. Eu fazia isso para economizar nos passes estudantis e garantir alimentação para mim e pra minha família quando eu voltava para casa. Tomava café e almoçava no restaurante universitário, por vezes, jantava lá.

Quem inventou o racismo foram os brancos, quem inventou o racismo foram os europeus. No I Encontro Municipal de Escritoras Manauaras <sup>15</sup> Tive a honra de compartilhar a mesa redonda Letramento Literário Étnico-Racial Crítico o desenvolvimento desta dissertação de mestrado que dialogou com o tema da mesa redonda e tem sido esses temas chaves que tenho empreendido esforços acadêmicos e pessoais para que eu possa realizar minha contribuição para o mundo melhor. Agradeço imensamente pela oportunidade e todas as mulheres leitoras e escritoras que estavam ali presentes.

Passei a me identificar como mulher negra a partir da percepção do meu fenótipo, tom de pele parda, cabelos cacheados, formato do nariz, formato da boca, a identificação validada por outras pessoas negras, por situações de racismo, como pedirem para “afinar meu nariz” ou alisar meus cabelos porque desse modo eu ficaria “ainda mais” bonita e pela compreensão que a maioria dos meus familiares maternos e paternos são pardos e pretos. O racismo é um mecanismo político que favorece a naturalização de traços físicos europeus como padrão de beleza universal e superioridade, também é racismo quando se subestima a intelectualidade de pessoas não-brancas. O racismo é um ar contaminado nas estruturas sociais que pode até não negar a existência de uma intelectualidade não-branca, mas para uma racista, afirmar essa intelectualidade é ainda acreditar que não é possível uma equidade com a intelectualidade de pessoas brancas. Quando se mesclou as palavras superioridade e raças baseadas numa classificação arbitrária de quais características físicas são tidas como melhores. Instalou-se os racismos. Estrutural. Científico. Recreativo.

O autor expressa o desejo para escrita da obra: tentar compreender a relação do negro e do branco em nossa sociedade. Fanon se posiciona sobre o que quer o homem negro e como se dá esse desejo. Ele argumenta que o negro quer ser branco ou ao menos provar algo para o

---

<sup>15</sup> promovido pela professora de letras da Universidade Federal do Amazonas Iná Costa, no dia 1º de dezembro de 2023.

branco. O autor justifica esse posicionamento ao introduzir o conceito de narcisismo para o leitor. Para ele, somente uma análise psicanalítica poderia explicar essa relação. (FANON, 2008, p.10). Há um duplo narcisismo. O branco e o negro. Ele argumenta que o branco se põe no lugar de humano enquanto o negro quer esse tal lugar, o de branco. Na introdução do livro, o autor sustenta que a psique do homem negro busca uma vida em que ele se torne o que o branco é. Fanon (2008) argumenta que a desalienação do homem negro sobre as condições econômicas e sociais é um dos requisitos para solucionar tal constatação e que sua obra se preocupa em realizar uma análise psicanalítica sobre o problema para que tal desalienação seja rompida.

O autor explica como se origina o complexo de inferioridade vivenciado pelo negro: pela condição econômica e pela internalização dessa inferioridade, o qual o autor chama de um processo de epidermizar a inferioridade. Para sustentar esse argumento, Fanon assume que tal questão não é apenas do indivíduo, mas um processo social. Salienta também a importância da linguagem para concretizar a existência do indivíduo. Para a pessoa negra há dois tipos de existir no mundo. Um quando se dialoga com seu semelhante e outro quando se dialoga com a pessoa branca. Esse duplo modo de existência decorre do processo colonial. O falar além de empregar uma sintaxe de um idioma, é também assumir uma cultura. Pois saber o idioma acessa todo um mundo que tal língua traz. Um exemplo utilizado pelo autor é sobre o homem negro antilhano tornar-se cada vez mais branco ao adotar a língua francesa e frisa que tal postura pode se estender para todas as pessoas colonizadas. Quanto mais se assimilam os valores culturais do colonizador, mais vai perdendo a suas raízes culturais. Toda pessoa colonizada se posiciona diante da cultura metropolitana.

O exemplo que o autor utiliza para sustentar seu argumento é quando o negro martinicano que fez uma estadia na metrópole francesa volta às suas terras e é consagrado como um semideus somente porque pisou na cidade metropolitana e principalmente por dominar a língua da metrópole, ele se faz bem-quisto entre os seus semelhantes. E o autor argumenta que há mudança psicológica no negro colonizado ao colocar os pés em cidades metropolitanas. Há uma mudança brusca de humor. E tal mudança se deve ao fato de como a pessoa negra se posiciona diante da cidade dos colonizadores, enxergando como o lugar de onde vem as elites intelectuais e tomada essa posição vai deixando para trás seus valores, estética e comunidade. O principal posicionamento do autor é desvendar porque o antilhano gosta de falar em francês. De onde vem essa mudança de postura? Indaga o autor. *Fanon*

afirma que todo idioma dita a organização do pensamento. Quando adotamos uma linguagem diferente daquela de nossas raízes culturais é nos provocado um afastamento de todo o nosso sistema cultural de origem. Já não interpretamos o mundo com o mesmo olhar.

Lembro muito do meu avô se chamando de “burro” porque não estava falando o português corretamente e ele sempre tinha hábito de comprar jornais tanto de camada popular, por 25 centavos, quanto aqueles com uma linguagem mais elaborada. Quando ele terminava de ler, passava eles pra mim. Mesmo assim, o português dele para ele nunca era suficiente. A minha relação com a escrita sempre foi difícil, a primeira memória que vem na minha cabeça é de quando criança ainda na alfabetização tive dificuldade de escrever a palavra que se relacionava com o desenho, eu sinceramente, não lembro qual desenho que era, mas lembro de sensação de ansiedade por estar acabando o tempo de aula e eu ainda não tinha finalizado a atividade e não tive coragem de pedir ajuda para professora. Quando ingressei no curso de Comunicação Social, na área de Relações Públicas, lembro das aulas de produção textual que era um sacrifício pra mim, claro, pelo tal déficit no ensino e aprendizado da língua “cultura”. Uso entre aspas porque muitas vezes, essa língua soava mais como oculta para mim, como enigma, como um quebra-cabeça do que um símbolo de boa comunicação.

Em um segundo momento, Frantz Fanon (2008) discorre como a linguagem é um instrumento para certos tratamentos sociais. Um dos exemplos apresentados na obra dele é de como médicos brancos usam uma linguagem mais íntima e não culta ao se dirigir aos negros – que para cultura francesa, usar esse tratamento distinto mais íntimo é inconvenientemente profissionalmente. (FANON, 2008, p.46). O autor traz diferentes abordagens culturais para esse tratamento dado à pessoa negra. Nos cinemas, nas propagandas e nos depoimentos de outras vivências negras. São tratamentos que não são dados a outros tipos de estrangeiros no território francês.

Para Fanon, há dois tipos de reação: sustentar o mundo branco ou rejeitá-lo. É por meio da linguagem que se pode alcançar tais posicionamentos. Para o branco e o negro, aquele que dependendo do nível de dominação da língua do colonizador se é quase um branco. Neste território que classificamos hoje como Brasil, havia uma diversidade de povos originários bem como foram sequestrados para esse território, em trezentos anos de travessia, várias etnias advindas do território que conhecemos hoje como África Central e a língua foi dessas primeiras imposições.

Sem mencionar, que no Brasil, quanto mais retinto for sua pele e seus traços semelhantes aos de pessoas africanas, mas se alimenta ideia de subalternidade justamente por conta de uma herança de práticas escravocratas no país. Toda essa forma de pensamento é resquício do modo colonial de agir sobre o território que hoje é o Brasil e os povos que viviam nele. Desde a invasão portuguesa nessas terras ao avistar e criticar os costumes dos povos originários e posteriormente com a implantação de um sistema econômico escravocrata e a colonização por meio da religião e invasão de terras.

Quando Evaristo menciona a mãe dela como origem de suas escritas não tem como eu não pensar muito em minha mãe, uma mulher preta, que veio do município de Tapauá, no Amazonas, que se mudou para Manaus aos 14 anos para estudar, mas engravidou, se “amigou” e só conseguiu terminar o ensino médio pela Educação de Jovens Adultos, com uma filha de oito meses. A fala do Outro sempre enquadrava minha mãe em imagens de “burra”, “raivosa”, “preguiçosa” e “mulher de malandro”, que são palavras duras, mas que sempre ouvi de quem nos rodeava e sinceramente nunca ouvi tais falas direcionadas a uma mulher branca.

Algumas vezes, na adolescência cheguei a acreditar nelas. Ela sofreu muita violência, do meu pai, da minha família, da sociedade e do Estado. Eu sempre a vi sofrendo muito, insatisfeita com a vida dela. Todos os dias quando ela acordava, ela expunha a ferida dela em tom alto e carregado de muita raiva. Hoje eu entendo que é por conta dessas violências, por conta da falta de segurança, da moradia própria e do empoderamento financeiro. Depois de 27 anos da minha existência, ela ainda luta por tudo isso e única renda própria dela é fornecida pelo Estado, no valor de R\$650 para sobreviver. Hoje em dia, sendo eu e meu irmão adultos, percebo um empoderamento estético da parte dela e mais autônoma para realizar as atividades de lazer que ela considera na companhia de outras mulheres, amigas, vizinhas, filha. Aqui novamente sou eu narrando a vida dela e de fora, acredito que ela mereça mais dignidade e me vem perguntas sinceras à mente: Como o Estado fornece suporte para saúde mental da mulher preta, indígenas, pardas e pobres em Manaus? Como essas políticas públicas são divulgadas para essas mulheres? Não quero fazer entender que com a implantação de assistência psicológica eficiente pelo Estado seria a única solução para a otimização da saúde mental dessa população, até porque quando se falta emprego, educação, segurança para essas mulheres não tem como terapia por si só resolver.

O que podemos chamar de branquitude? O que é ser branco na federação brasileira? Quando o Brasil se torna uma federação, ou seja, um grupo composto por municípios, Estados e União para atender as demandas da população, qual população, de fato, tem suas demandas atendidas? O Brasil é composto em sua maioria por pretos, pardos e indígenas. Em terras brasileiras existem Tupinambás, Pataxós, Yanomamis, Tikunas, Carapanãs e outras etnias indígenas que já construíram relações com esta terra. Espanhóis, Portugueses, Ingleses que colonizaram terras e os indígenas dela colonizaram também corpos originários de África trazidos violentamente para cá como os *iorubás*, *jeje* e *angolas*

Somos a raça humana. Não há no mundo o ser humano que pode voar que nem as aves e assim diferencia-se, em genoma, de outros seres humanos. Temos herança genética diferentes, mas não ao ponto de se criar outras raças humanas. Não há na sua genética algo que o tipifique como outra raça. O que temos são etnias diferentes, povos diferentes com costumes diferentes, formas de se relacionar diferentes, habitamos em territórios diferentes, nos alimentamos de maneiras diferentes. Temos sistemas de crenças diferentes sobre o que somos, porque estamos aqui. Somos culturas humanas diversas.

Reforço o diferente nessa escrita, porque, de fato, nos difere. Convivemos com outras espécies e entre nós mesmos. Há diferentes corpos, diferentes cabelos, diferentes cores dos olhos, há diferentes risadas, há diferentes vozes. Isso tudo pode ser percebido pelo que o outro escreve e pelo que o outro recebe. Quando falo de escrever, não me refiro somente a escrita do papel, mas tudo aquilo que o outro me comunica através da oralidade, dos gestos, do tempo, da velocidade da fala, do hábito e a mim cabe fazer uma leitura a partir disso e me deixar ser lida também.

Não podemos negar que existe o racismo à brasileira servido nas estruturas sociais, nas conversas no bairro, no trabalho, nas escolas, nas faculdades e na ala política. Não podemos deixar de lado a conversa de letramento étnico-racial em todos os campos do saber porque não se pode mais apagar as diferentes contribuições étnicas que formaram o Brasil. O Brasil sempre será diverso e extenso.

### **Desenho de classe**

Lembro de uma vez que participei de um processo seletivo para ser estagiária de marketing de uma empresa de energéticos. Notei durante o processo dois jovens brancos, do curso de jornalismo e ali me vi como a única parda do processo seletivo, pelo menos, é como me recordo. Com aquelas duas presenças, senti que tinha que falar melhor, “vender meu

peixe” com mais criatividade. Quando passei para segunda fase, os condutores da seleção me colocaram em dupla com o jovem branco e nós tínhamos a tarefa de elaborar uma campanha de marketing para o produto energético em 15 minutos. Eu simplesmente travei. Não consegue interagir com ele, sem pensar que a vaga já era dele. Principalmente, depois de ele mencionar que tinha contatos de banda para fazer uma ação de marketing. Lembro que nesse dia, minha mãe foi me acompanhar e estávamos no bairro Vieiralves, um dos bairros mais elitizados da cidade, onde acontecia a seleção. E no fim, não passei para terceira fase e vi que realmente ele ocupou a vaga. Quem me lê pode ser uma questão de mérito, de se impor, mas de alguma forma analisando hoje tinha um valor incrustado no meu pensamento, de que ele já pertencia àquele lugar mais do que eu.

Todos os candidatos eram da mesma Universidade Federal que eu – e uma observação é um fato comum na área de Comunicação, que os Recursos Humanos (RH) das empresas preferiam e aceitavam somente alunos vindos da Universidade Federal do Amazonas. Aí eu percebi uma exclusão maior para quem estar se formando ou é formado em uma faculdade particular. Claro, que há toda uma discussão sobre o ensino mercantilista das faculdades particulares, mas não podemos deixar de lado o fator de que muitas pessoas de classe econômica baixa passam pelo programa de financiamento estudantil em faculdades particulares para ter uma oportunidade de ter ensino superior no currículo.

Concordo profundamente que a narrativa que sempre chegou aos meus ouvidos e consequentemente moldaram meus pensamentos eram de que se eu fosse conquistar alguma coisa era por meio de meus próprios esforços e merecimentos, que parcialmente está correto, mas o que não se pode negar é o que foi produzido pelo coletivo quanto as imagens que ensinam para jovens e crianças da questão do mérito por si só e quando não se alcança uma vaga na universidade federal é porque não mereceu.

Não tem como separar a atividade econômica exercida pelos meus pais e por mim porque é de onde partia ou parte a nossa subsistência. As ocupações e as condições trabalhistas que meus pais exerceram determinaram os cenários que nos encontramos. Quando meu pai perde o cargo em seu último emprego, em 2006, a fome passou a rondar a nossa casa.

Quando meu pai perde o emprego, o pai dele decide intervir pra sustentar os netos. Uma vez não tínhamos dinheiro e nem mais para pedir fiado de um comerciante do bairro. Desenhei numa folha de papel umas comidas que eu desejava. Lembro mais de um bolo de vários andares que eu desejava e falei para minha mãe que queria comer, ela dominada pela

fome também falou algo “deixa disso”, desvalidando o que eu estava sentindo. Todo mundo sabe que é mais propenso a pessoa ficar mais irritada por conta da fome.

Quantas vezes eu ouvi do meu círculo social que o trato naquele momento não foi legal porque a pessoa tava sentindo fome e eu sempre usava isso também. Mas muitas vezes usei a estratégia de adormecer para não sentir a fome, principalmente quando chegava cansada da faculdade. Quando li Carolina de Jesus me identifiquei com o sentimento “...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (JESUS, 2016). Essa foi a memória que tive quando participei de algumas experimentações de um processo teatral sobre fome desenvolvido pelos alunos de licenciatura em Teatro, da Universidade do Estado do Amazonas.

A seguir vou tentar elencar algumas ocupações que minha mãe trabalhou:

- Minha mãe, uma mulher negra, trabalhava na roça com minha tia.
- Minha mãe foi empregada doméstica. Ainda menina veio do interior pra trabalhar em Manaus na casa de um político conhecido em Tapauá.
- Minha mãe foi dona de casa
- Minha mãe já foi vendedora na rua conhecida como Bate-Palma, no bairro Centro, quando meu pai perdeu o emprego dele. Ao mesmo tempo que ela era a minha mãe e de meu irmão mais novo e realizava as tarefas domésticas.
- Minha mãe já foi revendedora de cosméticos.
- Minha mãe já foi artesã de crochê. Ao mesmo tempo que ela era mãe de duas crianças negras.
- Minha mãe já foi vendedora de brechó.
- Minha mãe já foi vendedora de salgados.
- Minha mãe já foi manicure. Ao mesmo tempo que ela era mãe de dois jovens adultos negros.

Teve uma época que minha mãe e meu pai se separaram. Eu, ela e meu irmão fomos morar de favor com uma irmã de mamãe. Essa tia era caseira do sítio de uma igreja evangélica, localizado no parque 10, perto do conjunto Shangrilá, antes de se formar um condomínio por lá. Meu tio e meu primo também eram caseiros. Minha mãe foi trabalhar como doméstica numa residência próxima ao sítio. Quando minha mãe passou a trabalhar como doméstica, lembro dos meus primeiros ciúmes quando ela disse que tava passando a farda do colégio da filha do patrão e não a minha. Eu tinha 12 anos, o sítio se localizava no

bairro parque 10 e como nos mudamos no meio do ano letivo, eu não quis abandonar a escola então saía umas 9h embarcava num ônibus para o Terminal 2 – T2 e seguia em outro ônibus em direção ao bairro do Japiim. Às vezes almoçava na casa de alguns colegas e até dormia para o dia seguinte, numa época que não tinha passagem gratuita para estudantes.

Por volta de 13 anos, meu primeiro empreendimento que tive foi vender braceletes, colares fornecidos pelo irmão mais velho de uma amiga, se não me engano, e vendia também brigadeiros na escola para ter uma renda pra mim e conseguir dinheiro para ir aos acampamentos religiosos da igreja que eu frequentava. Posteriormente, com 16 anos, emprego foi ser vendedora no stand de artesanato, que pertencia a um homem vindo do sul do Brasil para participar de uma feira no shopping em Manaus. Ele pagou R\$50 para que eu ficasse das 8h às 22h o ajudando a vender e a cuidar do estoque.

Quando acontece mobilidade social para um indivíduo na sociedade brasileira é por meio de um casamento com alguém de uma família que tem mais ou menos capital econômico, social e cultural. Por eu ter uma graduação, finalizar um mestrado, quer dizer que mudei de classe econômica? Não. Ainda tenho que vender minha força de trabalho para vagas no mercado que não atendem muito bem o conceito de dignidade de vida.

Gosto muito da área de cinema e uma vez ou outra realizei alguns cursos de produção audiovisual disponíveis na cidade. Num desses cursos tínhamos que fazer a análise de um filme e escolhi o *Parasita*<sup>16</sup>, filme do diretor sul coreano *Bong Joon Ho*. O filme é uma obra que admiro muito. Ele trata de desigualdade social e parasitismo social advindo da estrutura econômica capitalista. Para mim, o ponto de vista do filme é revelar quais métodos de sobrevivência e modos de vida podem surgir para que pessoas que não possuem privilégios econômicos e sociais possam viver qualidade de vida igualmente a das pessoas que possuem tais privilégios advindos do sistema político-econômico capitalista.

O roteiro do filme apresenta os Kim, uma família pobre, da cidade *Seul*, em Coreia do Sul, na qual todos os membros da família estão desempregados e enfrentam o cotidiano de sobreviver com pouco dinheiro, realizando bicos para sobreviver, como vender caixas de pizza e gravar vídeos tentando alcançar recordes de velocidade em montar elas para que se consiga mais visualizações e monetizar na internet por meio desses vídeos. Em dado momento do filme, o filho mais novo consegue um emprego como professor de inglês de uma moça pertencente a uma família rica, os Park, que moram num bairro mais elitizado da

---

<sup>16</sup> Filme vencedor da premiação de cinema Oscar, de 2021.

cidade. Os membros da família Kim, então, percebem oportunidades de se criar vagas de emprego para todos eles na mansão. Ao decorrer do filme, os Kim enganam os Park fazendo com que os empregados da mansão sejam demitidos para que cada membro da família Kim possa substituí-los em seus serviços prestados e ainda sem revelar os graus de parentesco entre os membros da família Kim. Depois de todos estabelecidos como empregados, cada decisão de roteiro para que o filme mereça um Oscar é incrível. A saga do filme gira em torno de uma questão ambígua. Quem é o parasita? A família que tenta se infiltrar ou a família que explora a força de trabalho alheia?

E o que isso tem a ver com a desigualdade de classe no Brasil? Falar dessas decisões cinematográficas reflete a pesquisa da equipe do filme em trazer as nuances de classe vividas na Coreia do Sul. Em *Parasita*, na Coreia do Sul, por meio da arte de *Bon Jon Hoo*, a questão da desigualdade vem pela via da classe. Enquanto, por meio de várias pesquisas científicas sobre o Brasil, acrescenta-se a via da distinção de fenótipo e da herança de uma época escravista neste território. As heranças coloniais nesses dos países se diferem, mas neste jogo de famílias com condições sociais desiguais, quem é o parasita? Explorar o trabalho do outro é um parasitismo também? Quem são os verdadeiros parasitas no Brasil? Por que nasce pobre? Há uma responsabilidade? Culpa dos pais de família? E depois vai ser culpa de quem permanecer pobre?

Bento (2002, 2022) comenta que a justificção das desigualdades no Brasil é a partir da ideia de mérito. Se as pessoas brancas estão lá é porque elas mereceram. Se negras não estão, que despreparadas, não? Há uma meritocracia dos grupos sociais. A pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar etc. Aprecio a visão de Bento porque ela parte das perspectivas das tensões raciais nas empresas brasileiras.

Para Jessé Souza<sup>17</sup> (2009), a questão da herança familiar no Brasil é passada por meio de valores e não somente pela classificação econômica. Souza destaca que a naturalização da *ralé* é mais um projeto de poder legalizado, para que, se naturalize as desigualdades como se fossem baseadas somente em esforços individuais. Fica de fora um sentido crítico voltado à formação dessas heranças sociais. A exemplo, questiona o processo de construção de um Estado que tutela pessoas com condições sociais diversas e desiguais em direitos, pois a formação de classes nesse Estado advém de valores impostos e pouco questionados em vez de quem conseguiu ou não superar uma pobreza material. Há de se admitir, que no Brasil, há

---

<sup>17</sup> Sociólogo brasileiro que no ano de 2009 lançou a obra *A Ralé Brasileira*, que combina o método das ciências de dados com o método de crítica a sociologia

pessoas que herdaram as condições econômicas vindas da colonização-escravidão praticadas nesse território que hoje foi instituída a República Federativa do Brasil<sup>18</sup>.

As classificações criadas pelo autor para apresentar as diferentes classes sociais do Brasil estão ligadas a produção de ensino afetivo de valores dentro das famílias brasileiras. Os valores, a organização de um pensamento de como os filhos dessa família devem se comportar na sociedade são a base que produz uma classe social. (SOUZA, 2009). Quem é a ralé brasileira? Para Souza (2009) é o grupo de pessoas economicamente pobres, que tem sua força de trabalho explorada e mal remunerada diferente da classe média que hoje em dia, por exemplo, como bem defendem FRAGA *at al* (2020) pelo ponto de vista das relações entre pobreza, a dita nova classe média e a teoria dos capitais propostos por Bourdieu, a nova classe média brasileira não existe por uma ascensão econômica, não são os novos ricos do Brasil. Ou seja, não é uma classe econômica, mas trata de um grupo social que veio da pobreza e se priva de alguns capitais sociais, como capital cultural, social, econômico e acessa outros.

Eu nasci herdeira de quê? Assim podemos dizer que aos 27 anos pertencço uma classe a qual foi ensinado valores de mérito econômico conforme aponta Jessé Souza, mas que para efeitos na sociedade não me levaram aos mesmos acessos de pessoas criadas em classes médias e muito menos pelas elites dos proprietários. Portanto, a classe social não se resume ao aspecto econômico. A minha família, pelos estudos de Souza, pertence a classe de pobres e quando digo família é relacionado com laços de sangue, convívio na infância e adolescência que repassaram valores que ora sigo ora rejeito para uma vida adulta em sociedade.

Um debate importante para pontuar é a relação entre a escravidão e o racismo no Brasil. Mencionei Cida Bento (2022) para tratar das heranças de descendentes de escravizados e descendentes de escravocratas e seus impactos negativos e positivos, respectivamente. Na exposição de Almeida (2019) há duas explicações para que se analise essa relação. Uma de que o racismo atrasa uma modernização da sociedade e a outra diz que o próprio racismo resulta do capitalismo.

Silvio Almeida (2019) defende que as questões de classe e raça são uma combinação e dialogam entre si para a produção das desigualdades no Brasil e dá o exemplo da situação profissional de mulheres negras, que são sempre empurradas para trabalhos que não são ditos “de renome social” ou geram lucratividade, mas são referentes ao cuidado de outras pessoas,

---

<sup>18</sup> Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

como a função de babás e ainda aqueles invisíveis pela economia capitalista <sup>19</sup>. Ainda cita outras situações sociais que as violentam como o assédio sexual, moral, violência doméstica, piores tratamentos na rede de saúde e tributações monetárias grandiosas.

[...] 68% dessas trabalhadoras que desenvolvem o serviço doméstico remunerado eram mulheres negras, cujo perfil é de baixa escolaridade e de origem familiar de baixa renda. Trata-se de uma invariável desde o período da escravidão, revelando permanência nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa-grande, e muitas vezes recebendo tratamento similar ao que suas ancestrais receberam. (Bento,2022, p. 80 e 81).

Para Almeida (2019), o racismo é estrutural pois organiza uma formação política e econômica em todos os estados capitalistas, como é o caso dos Estados Unidos, da África do Sul e do Brasil. No Brasil, ele foi instaurado pela ideologia da democracia racial que consiste em um projeto do Estado Brasileiro em se alinhar com o capitalismo industrial na década de 1930 e que empurrou a população parda e preta às classes operárias. Utilizou-se também a mestiçagem e a característica do povo trabalhador como a essência dessa identidade brasileira. Não se resolve a matemática das opressões dando somente dinheiro aos pobres pretos e pardos sem antes compreender que há uma estrutura que aniquila sua vida por conta de suas características físicas e de sua origem.

### **Desenho de gênero e sexualidade**

Hoje me identifico com mulher *cis* aquela que se reconhece com a genitália que nasceu e a “identidade feminina”. Coloco entre aspas pois há muitas definições, principalmente de um lado conservador da sociedade sobre o que seria ser uma “mulher de verdade”. Acredito que ainda me identifico com essa categoria pelas experiências de vida que passei e como só vivi essas experiências porque a sociedade sexista olhou para meu corpo e se autorizou a fazer provocações à minha pessoa, mas tenho encaminhado muito mais a refletir sobre a invenção do que é ser homem e mulher em nossa sociedade, enquadrada numa lógica binária. Entro em contato com alguns estudos de gênero que discordam dessa binaridade para definir o gênero humano e levantamento de uma questão para quem realmente serve uma definição de papéis ditos femininos ou masculinos em nossa sociedade.

Há muitas experiências que passei simplesmente para olharem para o meu corpo e me enquadrar numa categoria de gênero. Muitos em formas de violência como assédio ou outras micro agressões como a pressão estética. Hoje em dia, por exemplo, toda vez que chego no

---

<sup>19</sup> Sinalizo em aspas pois o trabalho invisível do cuidado geralmente realizado por mulheres negras é o que possibilita a outros indivíduos investirem na ocupação de cargos que geram de capital econômico. Ver <https://lunetas.com.br/economia-do-cuidado-e-se-o-trabalho-domestico-fosse-remunerado/>

meu apartamento onde moro há um ano, a maioria das conversas que as minhas vizinhas iniciam comigo é sobre meu peso, sobre minha aparência. “Nossa você engordou, nossa como você emagreceu” ou “tu namoras?”. Até o fechamento deste texto, nenhuma delas perguntou qual a minha profissão, o que eu gosto de fazer nos fins de semana, quantos anos eu tenho e nesses momentos esse é o assunto porque eu sou vista como mulher e por conta disso se interessaria somente em falar sobre aparência ou porque para elas não tenho de interessante a acrescentar além disso. Quando falo que sou mulher e vista como uma, aceitei uma categoria de gênero para mim e ainda me indago se tenho mesmo que aceitar, claro que não tenho, mas por que ainda aceito? Mesmo vindo de perto a luta de amigas mulheres trans e travestis para serem consideradas humanas no Brasil. Nesse país líder em ranking de assassinatos de mulheres trans e travestis assim como líder também em assistir pornografia com a temática travesti. Seria uma questão de manter ainda um privilégio cis frente às minhas irmãs? Fico pensando e ouvindo também nessa questão para mulheres negras travestis, trans e pessoas dissidentes de gênero que recaem esse estigma da sexualização. Sobre dissidência de gênero, eu consigo enxergar nos corpos de muitas amigadas. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis. Quando criança brincava com uma amiga travesti, meu avô pedia para eu me afastar dela. Na época, a leitura era que essa colega era homossexual, mas depois vim entender que ela cresceu sendo travesti.

Fui registrada como mulher. Nasci com uma vulva, um canal vaginal e um útero se desenvolveu para gerar um outro ser humano, cresci escolhendo as vestimentas ditas femininas, a não ser quando estava em relacionamentos abusivos e não me sentia confortável para usar roupas mais justas pois causaria ciúmes no parceiro da época. Mas quão cansativo é também ficar escolhendo roupa para sair na rua. Se eu for de decote vão me assediar. Visto roupas que cobre mais o corpo.

Quando eu ainda nem transava, meu pai me chamou de puta e me agrediu porque eu respondi a ele de forma ríspida. Quando meu pai batia, meu irmão nunca o ouvia falar a palavra puto. Vim entender melhor essas questões de gênero quando comecei a ler sobre feminismo durante a faculdade e ainda não tinha leitura racial nenhuma pois o feminismo que li foi o criado por mulheres brancas e de classe superior que a minha. Esse feminismo propagava um direito a libertação sexual das mulheres e o direito de trabalhar, que está tudo bem para uma vida saudável para elas, mas o que eu não entendi que eu como mulher negra de classe trabalhadora, eu primeiro: já trabalhava e segundo já era sexualizada como uma mulher “fogosa”, já era vista como alguém para transar enquanto muitas mulheres brancas

eram vistas como intocáveis, puras, nesse sentido sexual. Não que não haja hiper sexualização de adolescentes e mulheres brancas, mas no imaginário social brasileiro, a mulher negra é pensada unicamente por essa via. Foram as inúmeras situações de assédio que passei. Quando ainda era pré-adolescente, eu fui assediada na rua indo para escola. Quando ainda criança, fui assediada dentro de casa por um conhecido da família e outra vez por um membro da família.

Ainda quando falava sobre segurança, após alguns meses que fui morar sozinha andando na rua, um homem com aparência de mais velho e branco, dentro de um carro parou e simplesmente me assediou fazendo um convite para entrar. Eu fiquei bastante brava e ao mesmo tempo temi. E dias depois fiquei com essa sensação de não querer sair de casa.

Uma vez brincava de futebol com meu vizinho na rua e parávamos para conversar. Vinha alguns jovens adultos falar que ele era meu namorado e eu morria de vergonha porque eu não o via assim. Ele era meu amigo e nós éramos crianças. Uma outra vez meu tio disse para meu pai que eu estava ficando bonita e iria "dar trabalho", eu sinceramente, na época só entendi a parte de ser bonita e anos depois vim entender a parte de dar trabalho, que era porque muitos homens iam se interessar por mim. Uma outra vez um cara do bairro que me viu crescer e tinha quase 30 anos na cara, a idade que tenho hoje, venho perguntar se eu gostava de caras mais velhos e isso eu tinha 17 anos. Quem sabe ele estava querendo preparar o terreno para os meus 18 anos, né. Eu fui estimulada desde muito cedo a falar sobre sexo e não de uma maneira saudável com os meus pais, mas com colegas da mesma idade de adolescência. Vez ou outra ouvia-se a notícia de algumas amigas iniciando a vida sexual muito cedo e às vezes desejava isso, apesar de dar uns beijos em alguns meninos do meu círculo social, eu não chegava a iniciar o contato sexual. Quando entrei para igreja e no auge do meu desenvolvimento hormonal foi um ambiente que de certa forma reprimiu, mas que me ocupou de outras funções e me ensinava a guardar para o meu futuro marido, mas ao mesmo tempo que não dava conta também da minha sexualidade sendo desenvolvida. Quando saí da igreja e soube que no ano seguinte ia entrar na universidade, me permiti me relacionar sexualmente aos dezessete anos para me sentir "preparada" para os anos universitários. Um erro, né? Pois a primeira vez foi péssimo, apesar de tentar me informar na internet, a falta de uma conversa com um adulto confiável ia fazer a diferença.

Outra forma de violência de gênero que me atormentou foi a presença dos ciúmes sob o manto da possessividade e até mesmo do "cuidado" em alguns relacionamentos românticos por conta disso sofri inúmeras violências psicológicas e físicas. Eu sei que não tem como tudo ser que nem um conto de fadas nos relacionamentos ou o que transparece no *Instagram*

perfeito. Mas eu não queria ter sofrido violência nenhuma. Talvez sentiria mais alívio se eu lidasse com essa dor longe dele. Sem ter dado espaço de mais. Eu tinha medo de voltar pra casa dos meus pais. De encontrar outros tipos de violência e miséria. Eu ficava com uma ansiedade tremenda de ser culpabilizada por isso.

De acordo com o “Relatório Anual Socioeconômico da Mulher”, as mulheres pretas e pardas corresponderam a cerca de 59,8% dos registros de mulheres adultas vítimas de violência doméstica, sexual e outras formas de violência. A informação foi baseada nas ocorrências registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde.

Em 2022, 4,3 milhões de mulheres chefiavam domicílios deste tipo, sobretudo mulheres pretas ou pardas (65,8%), enquanto apenas 501 mil homens o faziam, que pode afetar a inserção destas no mercado de trabalho bem como sua sobrecarga com o trabalho reprodutivo (RASEAM, 2024, p.18)

Havia no meu convívio também durante a infância e adolescência algumas mulheres como a esposa do meu avô, uma senhora branca, a minha mãe sendo uma mulher negra, a esposa branca do meu primo e eu uma mulher negra. Mulheres que cuidavam dos filhos, da casa que ora se davam bem entre si, ora não se davam. Havia uma certa rivalidade feminina. Fui educada por essa pequena estrutura familiar que se a mulher apanhou de alguma forma foi culpa dela. Claro, que havia um acolhimento, mas ninguém intervia, de fato. Teve uma época que passava por uma reprodução de machismo e racismo que mulheres como a minha mãe era inferior de alguma forma, por não conseguir um emprego, por estar num relacionamento abusivo. É muito difícil para mim falar sobre violência doméstica. Eu cresci em meio a violência doméstica, meus relacionamentos “amorosos” foram baseados em violência doméstica.

Quando a gente fala de segurança também é um assunto que me dá um certo rancor quanto ao atendimento às vítimas de violência e agressores. Como a abordagem policial e encaminhamento do caso podem afetar a família em Manaus. Lembro do policial quando foi na minha casa por conta da violência doméstica denunciada, ele perguntou de mim, uma criança, se eu queria que meu pai fosse preso. Hoje percebo isso como uma violência institucional, de certa forma. Claro que talvez tenha sido uma tentativa de ele humilhar meu pai pela violência cometida, mas que tipo de treinamento é esse que o Estado oferece? Por que

tenho que falar da minha mãe? Porque ela foi uma das minhas cuidadoras, de minhas referências de mulher e negra.

### **Sexualidade**

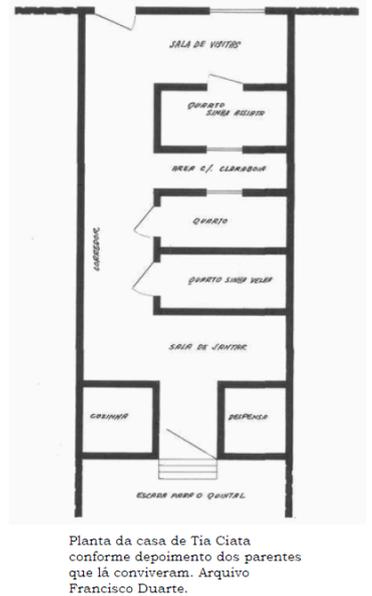
Sou atraída sexualmente e afetivamente por pessoas de gêneros distintos e aceitar isso com orgulho e tranquilidade foi uma longa jornada. Na minha adolescência encaixada como mulher, a família e a sociedade me educaram que é normal me apaixonar por homens e buscar isso é normal e quando eu senti atração sexual pela primeira vez por uma outra mulher, senti muito medo e culpa principalmente porque na época de adolescência frequentava igrejas cristãs e sabia que era “errado” ter tais desejos. Não tive orientação sobre esses sentimentos e desejos. Fui buscar informações posteriormente através da internet, estudos e redes de apoio. Acredito que a sexualidade humana é diversa e prazer e afeto sem opressões são direitos de todas as pessoas. Sexualidade e Amor são direitos. Encontrei em outros amigos e pessoas o compartilhamento de experiências similares com as que mencionei e me considero parte da comunidade *LGBTQIAPN+* progressista. A maior parte dos meus pensamentos negativos são sobre as violências que eu sofri durante a minha vida e a instabilidade financeira para ter o básico. Quero criar laços profundos, quero ter ética, caráter, quero me libertar, quero falar, quero escrever, quero me posicionar, quero argumentar, quero me EXPRESSAR

### **Desenho da casa desconfortável**

De certa forma, a palavra precariedade rondava minhas vivências em âmbito familiar e muitas das vezes essa foi minha herança familiar. Lembro que amava um livro de geografia que mostrava a planta de um apartamento e a partir dele eu ficava rabiscando em cima da figura horas e horas de como era viver naquela planta e passei a desenhar as plantas da casa como eu queria. Queria morar em uma casa dessas. Outro dia os pensamentos sobre moradia me tomaram. Minha mãe em nossas frequentes conversas afirmava o desejo de ter uma casa própria. O que é ter uma casa própria? Uma construção em seu nome, uma construção em que ela pague o Imposto Predial e Territorial Urbano - IPTU, uma construção que ela possa deixar como herança, uma construção que ela possa modificar como queira, que possa abrigar quem ela quiser. Eu tinha vergonha de falar como eu vivia para os meus amigos, tinha muito medo de alguma forma passar fome e morar na rua. Por que para uma jovem de 18 anos esse pensamento era tão recorrente? Por estar ciente desde que “me entendo por gente” que não nasci rica.

Queria ser herdeira. Toda criança pobre já sonhou. Aquela brincadeira que falamos entre amigos, mas com muita prece de um dia se realizar. “Meus pais devem estar me ensinando a ser humilde para depois me falarem que nós somos ricos!” A gente gargalhava no final desse pensamento. Mas o tempo passa e uma ascensão econômica é sempre por muita labuta, como os eventos familiares negativos e positivos foram me ensinando. Quando eu era criança, na escola, eu inventei várias histórias sobre bonecas que custavam muito dinheiro que eu ganhava da minha madrinha (e eu nem tinha madrinha). Uma vez andando com duas colegas de escola, parei numa casa super bonita no bairro e quase entrei na residência dizendo que ali era onde eu morava e ainda falava também que eu tinha motorista. Notei, quando mais velha, que vivia mentindo, tendo esses devaneios criativos quando entrei em contato com o estilo de vida de uma vizinha mais nova que eu e que tinha condições muito melhores que a minha. Por outro lado, também tomava consciência que tinha outras pessoas, famílias que viviam em moradia mais precária que a minha. Como percebi um dia quando uma colega de escola me acompanhou até minha casa e falou que onde eu morava era bonito e eu ainda disse que era só bonita por fora e que eu morava somente numa parte do andar de baixo, e que ali era praticamente a vila da minha família. Uma casa de dois andares, no primeiro andar morava meus pais, irmão e eu numa casa-corredor. Na parte maior morava meu avô e sua esposa. No andar de cima, meu tio, esposa dele e filha e no quintal uma outra casa-corredor que pertencia a um outro tio, mas que alugava a casa. Visitei casas de outros amigos no bairro, que moravam próximo ao igarapé do 40 e vi esse contraste de moradias, ali ficavam as palafitas de madeira. Ouvia muitos dos vizinhos narrativas da “invasão dos pobres ali” se referindo às famílias que moravam próximo aos igarapés. Tive muitos amigos dali pois estudavam na mesma escola que eu no bairro, mas que desistiram da escola, claramente, pelo racismo e classismo institucional e cotidiano que ali habitava. A grande questão é que o bairro do Japiim tem um conjunto habitacional formado por casarões que geralmente é habitado por idosos aposentados do serviço público e suas famílias e hoje leio como maioria conservadora pois você já nota pelo nome do conjunto habitacional, 31 de março em referência ao golpe de 1964. Daí você tira os valores que rondam alguns moradores antigos.

Figura 9 - Planta Casa Tia Ciata



Fonte:

A casa-corredor, parecida com a casa de Tia Ciata, mas em proporções menores, que me refiro e que morava com meus pais e meu irmão era um puxadinho da casa do meu avô paterno, que tem uma pequena varanda com piso verde. Uma sala com piso vermelho. Um quarto sem janelas. Uma cozinha. Um banheiro. A extensão do quarto formava um corredor à esquerda que possuía uma janela. Uma janela na sala e uma janela na cozinha. Externamente, o casarão é pintado com uma linha horizontal que separa as cores branca e cinza. A cinza na parte de baixo. A branca na parte de cima. Lembro de vários modos de dormir nessa casa conforme eu fui crescendo. Meus pais estão na cama. Eu no berço. Meus pais na cama, eu na cama e meu irmão no berço. Meus pais na cama, meu irmão na cama, eu numa rede atada por cima da cama. Meus pais estão na cama. Eu e meu irmão no beliche. Meus pais estão na cama no quarto. Beliche na sala. Eu e meu irmão na cama. Meu pai e minha mãe no beliche. Ela no colchão de cima e ele no colchão de baixo.

Já dormi também na rede. Em outras casas que morei, com outras famílias, dormi no colchão no chão no quarto da filha dos meus líderes evangélicos. Dormi na minha própria cama de casal em um quarto na casa do meu avô paterno. Dormi no quarto com meu irmão. Após o falecimento do meu avô, a família ocupou a casa do meu avô, meus pais em quartos separados. Meu irmão com o quarto da casa-corredor. Eu estou no quarto da casa do meu primeiro companheiro. Hoje moro de aluguel e durmo na cama de casal que comprei. Por que

falar de dormir? Porque dormir pressupõe segurança e que tenho um lugar para descansar. Há duas passagens abaixo do livro *O olho mais azul*, escrito pela afro estadunidense Toni Morrison, que revela bem o sentimento de quem tem essa sensação de aperto no peito quando se fala em moradia própria.

Sabíamos que ficar na rua era o verdadeiro terror da vida. A ameaça de ficar na rua surgia com frequência naquela época. Com ela, cerceava-se toda possibilidade de excesso. Se alguém comia demais, podia acabar na rua. Se alguém usava carvão demais, podia acabar na rua. As pessoas podiam ficar na rua por causa de jogo ou de bebida. As vezes uma mãe punha o filho na rua e, quando isso acontecia, era para o filho que se dirigia toda a solidariedade, independentemente do que tivesse feito. Ele estava na rua, e por obra de sua própria família. Ser posto na rua pelo proprietário da casa era uma coisa — uma infelicidade, mas um aspecto da vida sobre o qual não se tinha controle, visto que não se podia controlar a própria renda. Mas ser descuidado o suficiente para ser posto na rua, ou ser cruel a ponto de pôr um parente na rua — isso era um crime (p.15)

Saber que estar na rua era coisa que existia criava em nós uma fome por propriedade, por posse. A posse firme de um quintal, um alpendre, uma parreira. Os negros que tinham propriedade dedicavam toda a energia, todo o amor, aos seus ninhos. Como pássaros frenéticos e desesperados, decoravam tudo com exagero; mexiam e remexiam nas casas conseguidas a duras penas; enlatavam, faziam geleias e conservas o verão inteiro para encher armários e prateleiras; pintavam e enfeitavam cada canto da casa. E essas casas erguiam-se como girassóis de estufa entre as fileiras de ervas daninhas que eram as casas alugadas. Os negros que alugavam lançavam olhares furtivos para aqueles quintais e alpendres de casas próprias e assumiam com mais firmeza o compromisso de comprar “um lugarzinho bonito”. Enquanto isso, economizavam e guardavam o que podiam nos casebres alugados, na expectativa do dia em que seriam proprietários.

Eu estudei a minha vida toda em escola pública, na mesma escola. Escola Estadual Nathalia Uchoa, localizada no bairro Japiim, próximo à sede da secretaria de Educação do Amazonas. Eu sempre me senti uma pessoa muito triste na escola, claro por todas essas condições que eu enfrentava. Sinto que tinha sempre uma postura dócil, submissa e servil, principalmente, quando eu entrei para uma igreja pentecostal aos 13 anos, que é um recorte que influenciou bastante minhas vivências. Quando me assumi cristã, foi um bom tempo para eu aprender coisas novas e boas que a religião me trazia: amigos novos com o mesmo interesse, uma espiritualidade voltada ao agradecimento pela vida e pelas pessoas, uma fé que por mais que a minha vida fosse muito difícil, eu tinha a quem recorrer. E isso me fazia feliz! Não tinha vergonha de ser cristã. Não tinha vergonha de dizer que estava conhecendo Jesus, o cara que morreu na cruz pelos meus pecados. No último ano do ensino médio, com 17 anos, fui morar com meus líderes religiosos e me sentir melhor por morar numa casa bonita, com ar-condicionado, com filmes e muitos livros para entreter. Frequentar todos os dias a escola. Receber notas boas nas avaliações. Passar em uma universidade federal. Passar em um mestrado. Passar em um concurso. Montar minha própria empresa. Ser escolhida para

casar-se. Casar-se com um rapaz da mesma religião. Frequentar todos os domingos à igreja. Todos os sábados a célula. Se eu fizesse tudo direitinho. Minha vida seria satisfatória, abundante e eu seria próspera. Foi meio que assim que me venderam o sonho da vida ideal.

Um dos motivos da minha mudança é porque meu pai e minha mãe não podiam me sustentar mesmo e o motivo maior é porque eu não suportava mais viver naquelas condições com eles. Eu não parava nunca na casa deles porque era um ambiente bastante tóxico para minha saúde mental e emocional pois havia muitos conflitos entre eles. Eu falava tudo para os meus líderes religiosos. Eles realmente tomaram o papel social de educadores religiosos e pais atentos. Conforme os meses iam passando, me sentia como se eu realmente não me encaixasse ali, e sei de todas as boas intenções deles comigo. Até hoje são pessoas muito queridas, mas eu nunca tinha feito terapia e não sabia lidar com meus sentimentos e a religião já não era tão importante pra mim principalmente porque estava na adolescência e percebi que minha sexualidade não era só sentir atração por meninos, mas também por meninas e sobre isso eu não conseguia me abrir. Eu estava bastante depressiva. No primeiro momento, eu pensava "eles só querem me fazer de empregada", me sentia sempre com a autoestima baixíssima talvez por morar de favor na casa dos outros, de não querer mais compactuar com a religião, de sempre pensar e ver que meus pais não estavam bem, que se encontravam muito doentes mentalmente.

Lembro de uma vez que meu irmão disse pra mim com raiva e magoado "Volta pra tua família, vai" (referindo-se aos líderes e não aos nossos pais). Meu avô estava bastante triste também. Ele morava no mesmo terreno que os meus pais, mas em outra casa. Ele estava com tanta saudade que fez um quarto para mim na casa dele. Comprou um guarda-roupa e uma cama de casal lindos para mim. Fiquei tão feliz.

Nosso maior desejo como família é ter uma casa própria para nós quatro. Cada filho no seu quarto. Um quarto espaçoso para meus pais. Uma cozinha grande. Mais de um banheiro. Um quintal e varanda bem espaçosos.

Hoje moro no bairro Japiim, onde cresci e moro. Em frente ao apartamento que eu alugo existem duas árvores, uma mangueira e um taperebazeiro fazendo sombra, dando frutas, embelezando a rua e me fazendo companhia. Na árvore de taperebá tinha uns cinco ninhos do pássaro Japiim, nome dado ao bairro porque havia muito mais desses pássaros amarelos e pretos por aqui. Em dias de vendavais fortes caiu ninhos sem os filhotes - ainda bem. Quando aconteceu isso, eu catei dois ninhos lindíssimos e fico impressionada como os Japiins são

verdadeiros artesãos. Vocês sabiam que eles constroem os ninhos pertos de casas de caba para se proteger contra predadores? Eu amo esse pássaro. Eles são lindos e inteligentes. Eu amo essas duas árvores e ficaria insana se alguém viesse tirar esses seres do território que elas enraizaram.

Quem é a ralé amazônica? As mulheres trans e cis, negras e indígenas, ribeirinhas que vivem na capital, que vivem nas cidades dos interiores? Mas não qualquer cidade aquela que cresceu por cima de uma geração-tataravó, parafraseando Nego Bispo (2023), a Floresta Amazônica com todo o seu ecossistema que influencia o meu comer, deslocar, celebrar, cultivar, amar e viver. Aqui, moram muitos dos povos originários, quilombolas, mãe negras pobres, mãe negras indígenas, povos da cidade de capital e de interior. Muitos que nascem aqui pelo modo capitalista se afastam do que seria um contato de bem viver com a natureza. Por que ainda numa floresta amazônica com tantas frutas não podemos desfrutar de uma alimentação rica? Só industrializada? Quando eu, meu irmão e minhas primas mais novos estudávamos e brincávamos e morávamos num sítio da igreja evangélica do mesmo grupo em que meu avô materno era pastor. Lá era um paraíso pra mim. Campo de futebol enorme, uma piscina, vários tucumãzeiros, um galinheiro, pupunhãzeiros. Tinha um sítio vizinho que tinha muitas laranjeiras. O colunista Marcelo Coelho (2024) afirmou que para “Jorge Luís Borges, dizia que, com o tempo, cada lugar de sua cidade adquire a cor de um acontecimento biográfico”.

Meu ativismo é pela qualidade de vida e saúde mental de todos os seres da Terra e essa qualidade é proporcionada pelas florestas em pé e os moradores da floresta e povos da cidade tendo vida digna. Se eu que sou do espaço urbano já me conecto assim, imagina quem habita territórios com todo diversos ecossistemas por gerações. Então, eu acredito que todos merecem um ninho seguro, eu, você, os japins, os povos originários e quilombolas e com muita floresta em pé. Se eu que sou transeunte e moradora do espaço urbano de uma das cidades da Amazônia, imagina quem todos os dias está conectado com seu território por gerações. Querendo ou não todo mundo é natureza.

Viver no bioma amazônico tem dessas coisas. Sou muito conectada com o bairro Japiim onde cresci e vivo hoje. Há um ano decidi morar sozinha após meu casamento de seis anos terminar, então meu ativismo começa toda vez que opto pela minha qualidade de vida e isso se traduz hoje no meu novo lar. As árvores de taperebá e manga, por si só já me deixam muito

feliz, todas as manhãs abro a janela agradeço muito por elas estarem ali fazendo sombra e embelezando a rua.

Quando completei 12 anos de idade, meus pais se separaram. E meu irmão, eu, minha mãe fomos morar em um sítio de uma igreja a qual a irmã e cunhado de minha mãe eram caseiros. Foi a primeira vez vivendo com eles por alguns meses que entendi o conceito de roça e um pedaço da Amazônia.

Em seu livro, ‘Ananse: tecendo teias da diáspora’ podemos encontrar o relato de Zélia Amador de Deus a respeito de sua ancestralidade negra no Pará. Zélia traz por meio do que ouviu de uma contadora de história, a sua avó de que há resquício de algumas áfricas em meio a Amazônia. E o ponto de cruzamento entre esses dois territórios que ela encontrou foi o conto da deusa africana Ananse. Legado cultural feito pelo elo das etnias africanas ao chegar aqui.

#### Zélia reflete

“Mais tarde, também, tive a possibilidade de entender que a Anansia de que falava minha avó, ou melhor, as histórias de Ananse atravessaram os mares, cruzaram o oceano Atlântico e se repetem na Colômbia, na Venezuela, no Caribe e, por que não, no Brasil, no Pará e na terra onde nasci: na ilha de Marajó? Na verdade, no Marajó, praticamente, não se pode matar um bichinho que seja, pois quase tudo tem mãe e, por sinal, mãe brava, que à noite pode vir tomar satisfação pela morte injusta de seu filhinho. Mais uma das quantas de minha avó. Hoje sou capaz de afirmar que ela foi a griot que fez a gentileza de me doar parte da memória que carrego comigo. As histórias de Anansia são exemplos.”

Em outra passagem, Zélia conta um pouco mais da história de sua família.

Minha avó não queria isso para mim. Eu devia estudar, por isso, viemos para Belém. Não me lembro da travessia. Mas aprendi desde cedo que eu era Amador. Cresci ouvindo a história de Bento Amador. Os Amador, conforme as histórias que eu ouvia, eram donos de terras, muitas terras. Os brancos não se conformaram, queriam as terras dos pretos. Os Amador lutaram, mataram branco. Quem matou? Ninguém sabe. O preto fugiu. Quem terá sido? Como terá acontecido? Lá estava a faca. E lá estava escrito gravado e cravado: “Bento Amador”. Cadê o preto Bento? Preto Bento fugiu. Nunca mais ninguém viu. “Preto Danado!” Deve ter ido para as bandas do Xingu.

Quando se trata de identidades amazônicas podemos encontrar algumas como a categoria afro amazônica. Por outro lado, na Amazônia, o apagamento da contribuição indígena é apagado ou silenciado também.

### **CAPÍTULO 3 – KEHINDE, UM DEFEITO DE COR E SISTEMA ESCRAVOCRATA ECONÔMICO-POLÍTICO BRASILEIRO**

No início do mestrado pretendia investigar a relação entre três dimensões: as práticas culturais de uma escola de samba em Manaus, chamada Grêmio Recreativo e Escola de Samba Reino Unido da Liberdade (GRES), a identidade negra presente na referida GRES e o que a diferenciava como grupo cultural. As perguntas que pretendia responder eram sobre as origens da escola, a percepção do que era afrodescendência para os membros, o que se tratava os enredos, como era o processo de trabalho social no bairro, os festejos que eram preparados no barracão, os valores comunitários que se praticavam por lá. Eram muitas camadas para conhecer a cultura negra nessa parte de Manaus. Depois, foquei somente na relação entre a ala das baianas da GRES e a identidade étnica afrodescendente das integrantes que se afirmaram como tal, pois compreendi que as mulheres negras são importantes e necessárias para salvaguarda dessas tradições de origem étnicas vindas de África para esse território, como o samba, o tambor de mina, o candomblé, as palavras bantu, por exemplo, raiz de diversos .

Afrodescendência é o reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana. Essa etnia tem como base comum dos membros do grupo as diversas etnias e nações de origens africanas e o desenvolvimento histórico destas nos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo criminoso e capitalismo racista. Essa etnia não é única, é diversa, não se preocupa com graus de mescla interétnica no Brasil, mas sim com a história. O conceito de afrodescendência surge devido às controvérsias criadas sobre a existência ou não de uma identidade negra no Brasil. (LINO, 2020)

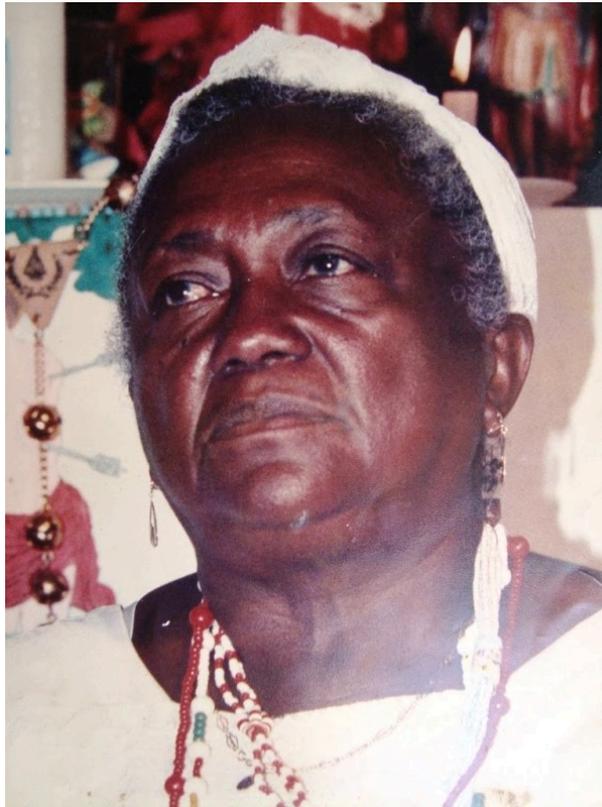
Para Fredrik Barth (1969) a identidade étnica está nos limites da fronteira de um grupo social para outro. Por meio das práticas de determinado grupo e sua relação com os não membros e identificando quais características que certo grupo possui que o outro não tem, a identidade étnica é construída de um rótulo interno e externo. Por exemplo, as mais velhas dessa escola de samba se autodeclaram negras? Como surgiu sua ligação com o samba? E com essa escola em particular? Eram as perguntas que pretendia discutir no primeiro projeto de pesquisa.

Numa certa vez, fui em uma das rodas de samba promovida pela GRES Reino Unido durante o fim semana e avistei Dona Aurora, - soube o nome dela porque um dos cantores mencionou - vestida de verde e branco, com a camisa da escola de samba e uma calça branca, e com os cabelos longos brancos soltos foi para frente do palco cantar a música conhecida pela intérprete Alcione “Antes de me despedir / Deixo ao sambista mais novo / O meu pedido

final / Não deixe o samba morrer/ Não deixe o samba acabar/ O morro é feito de samba/ Samba pra gente sambar”. Foi um dos momentos mais agradáveis para mim naquela noite. Eu enxerguei como um pedido para mim também pois as mulheres negras estão sempre à frente das grandes movimentações da sociedade brasileira em prol de uma visão de mundo mais justa e igualitária, por manter raízes que combatem o preconceito racial. Nesse primeiro projeto de dissertação percebi a ligação, por exemplo, da mãe de santo, conhecida como mãe Zulmira, com a escola de samba Reino Unido da Liberdade. Numa última visita ao campo, num arraial junino promovido pela escola, pude conhecer o vice-presidente da escola e o acompanhar em um passeio para conhecer parte da escola. O último lugar que adentramos foi a sala da ala das baianas. Numa pequena sala avistei um altar para os orixás e uma foto de mãe Zulmira, a sala também estava cercada por fotografias antigas e atuais das baianas e de alguns outros membros. Tudo isso me afetou positivamente. Quanta história! Isso é só um exemplo de como mulheres negras são homenageadas pelos seus esforços em manter a cultura afro-brasileira. A própria Reino Unido da Liberdade já trouxe temas campeões para avenida carnavalesca que reverenciam essas mulheres pretas. Como “Axé, mãe preta”, de 1989 e “Tambores, Crenças e Costumes Afro-Brasileiros – A Benção Mãe Zulmira”, de 2019. A história da escola de samba está intimamente ligada com a história de mulheres negras que viveram no bairro, como a mãe de santo Zulmira Gomes. Ainda que a homenagem à mãe de santo não se restringe aos desfiles, o próprio espaço físico atual da escola de samba Reino Unido da Liberdade se intitula “G.R.E.S. Reino Unido da Liberdade - Terreirão do Samba Mãe Zulmira Gomes – A resistência do samba.

Havia uma motivação pessoal forte em mim pelo tema pois conversava com o meu processo de reconhecimento como mulher negra nortista e do fato de morar há seis anos no bairro vizinho do Morro, o bairro Betania, e de observar com muita admiração os ensaios da escola em época de Carnaval realizados em frente à minha casa. Outra memória afetiva que tenho da escola é de quando ainda criança eu vi uma foto do meu pai, uma pessoa com deficiência, estampada em uma das páginas do jornal interno de um projeto social coordenado pela escola de samba. Ele me mostrou quando estávamos no pátio e tinha acabado de chegar da fisioterapia. Lembro que as pessoas do projeto social buscavam ele em casa numa van para fazer fisioterapia no espaço cedido pela escola de samba. Meu pai chegou a comentar algumas vezes que frequentava o Morro da Liberdade para beber umas cervejas com uns colegas de lá.

Figura 10 - Mãe Zulmira



Fonte: site Amor de Bica

E por falar em resistência do samba, um papel social importante para salvaguarda desse movimento no Brasil foi a baiana e mãe de santo Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata, que abrigava em sua casa, no Rio de Janeiro, no bairro conhecido como A Pequena África, sambistas com quem queriam “vadiar” com seu canto e instrumentos, em que o samba e o candomblé, as festas de negros, eram considerados crimes no Brasil. O compositor Donga (1889 – 1974) registrou na Biblioteca Nacional a música “Pelo telefone”, considerada o primeiro samba, composta em uma das festas da casa de Tia Ciata.

Figura 11 - Tia Ciata



Fonte: Brasil de Fato

Além dos bairros Japiim, Betania e Morro da Liberdade, o bairro Praça 14, conhecido como berço do samba em Manaus, também é uma outra referência para mim. Neste bairro, durante a faculdade de Relações Públicas estagiei na empresa pública Processamento de Dados do Amazonas (Prodam) localizada bem próximo ao Grêmio Recreativo e Escola de Samba Vitória Régia, com suas cores verde e rosa. A empresa era próxima também da Igreja Católica Nossa Senhora de Fátima. No pátio da casa que mencionei que moram meus pais até hoje e que pertencia ao meu avô paterno tem até hoje a estátua de nossa senhora de Fátima instalada pelo meu avô. Ele morou com seus filhos boa parte da vida no bairro Cachoeirinha, vizinho da Praça 14. Meu avô paterno é uma figura bem importante na minha vida pois ele é quem sustentou financeiramente a mim e meu irmão quando meus pais não puderam. E assim como mencionei no segundo capítulo dessa dissertação, meu avô sendo um homem negro reproduzia racismo. Neste capítulo quero relatar como racismo religioso se manifestou por

suas ações também. Desde que me entendo por gente, meu avô falava muito mal da religião da minha avó paterna, a primeira esposa dele. Minha avó paterna é a única avó que tenho viva. Ela é uma mulher negra, com tom de pele e cabelos parecidos com os meus. Ela mora na zona norte de Manaus. Minhas memórias com ela são precisamente na casa dela quando eu era criança e algumas quando ela visitava meu pai em nossa casa. Na casa dela, lembro de um corredor que ligava a sala para cozinha e nele tinha um quarto aberto que tinha várias estátuas de orixás, caboclos e carcaças de animais. Arrisco dizer que são fundamentos das entidades e orixás. No quintal dela, tinha uma casinha pintada de vermelho e bem trancada, que ela não deixava os netos abrirem. Outra lembrança que tenho é de ir à casa dela comemorar seu aniversário e o Natal que são no mesmo dia. Lembro que tinha que tomar bênção do *vô Bira*, que era o caboclo que baixava na minha avó. Ele sempre se apresentava com cabelos soltos, uma regata verde e um calção, perguntava como eu estava e me dava um abraço. Hoje, com as pesquisas sobre Umbanda e algumas vivências no Candomblé vim entender que era o caboclo *Ubirajara*. Geralmente quando ela não tava *virada no santo*, os cabelos dela ficaram presos num coque e usava roupas bem femininas.

Hoje vejo essas ações da minha avó como exercício contra a intolerância religiosa. Era fé dela e ela não podia negar para a família. Sempre vi minha família bem dividida entre matriarcado e patriarcado. Tenho a sensação de que os homens da família, meus tios, a partir da separação dos meus avós foram criados pelo meu avô e as mulheres da família, minhas tias, foram criados pela minha avó. A religião da minha avó sempre foi bem demonizada em casa. Meu avô contava uma história: "Uma vez tive que tirar minha foto no meio da macumba dela, depois de tanto que ajudei ela, ela fez isso comigo." A segunda esposa do meu avô que conviveu conosco era branca, evangélica e contava outra história: "A deficiência que tem no seu pai, ela (referindo-se a minha avó) fez feitiço pra pegar no seu avô, mas deu errado e pegou no seu pai" e eu criança/adolescente estava ali absorvendo tudo isso.

Todos esses opostos, contradições, intolerâncias dentro do círculo familiar traduzem muito as contradições do próprio Brasil. Cria-se narrativas de demonização das religiões de matriz africana. Eu cresci na parte da família que valorizava o patriarcado e não estou falando que minhas tias não são conservadoras, mas eu só tenho a perspectiva de conviver com os homens de minha família paterna e que sempre fizeram uma imagem ruim das minhas tias. Muito que se ensina numa sociedade que valoriza o homem hétero como o cabeça da família, a religião católica ou evangélica como as corretas em se viver a sociedade.

Quando meu pai estava muito mal por conta da depressão e ali como família identificamos ser o início do quadro de esquizofrenia dele, lembro que minha avó passava uns banhos de ervas para ele e para lavar a casa também. Lembro de uma vez que meu pai lavou o pátio com o banho e passou uns jovens repreendendo "olha, a macumba" e confesso que no dia fiquei constrangida.

No ano de 2024, tornei-me umbandista e não sou uma mera simpatizante como vinha sendo ao longo de quatro anos. Estou em processo de iniciação no Centro de Umbanda da yalorixá Mãe Maria do Jacaúna. Até o momento, não pude ter uma conversa mais profunda com minha própria avó paterna sobre sua jornada como mãe de santo, mas é um movimento que gostaria de realizar. Para mim, a umbanda acolhe cosmovisões indígenas, africanas, turcas em territórios amazônicos, como o Maranhão e o Pará, que versa numa transculturalidade.

Figura 12 - Participação Balaio de OXUM 2024



Fonte: Acervo Próprio

De acordo com Agência Senado (2023)

Os casos de racismo religioso são altíssimos no Brasil. Trata-se do ataque a pessoas negras pelo simples fato de seguirem a umbanda, o culto de Ifá ou qualquer outra religião afro-brasileira, como o candomblé, o batuque, a encantaria, a jurema, o nagô-vodun, o tambor de Mina, o terecô, o xangô e o xambá.

E por que se fala em racismo religioso e não intolerância religiosa? Para ONG Criola (2022) racismo religioso vem sendo praticado desde a época do tráfico de pessoas africanas ao território brasileiro e traduz hoje na destruição de terreiros e seus símbolos, ameaças de

morte e assassinatos de lideranças, sobretudo, de mães de santo negras ou pais de santo homossexuais.

Voltando pra Praça 14, o mais curioso é que nesses anos como estagiária, eu não sabia da existência do Quilombo Urbano de São Benedito, vim conhecê-lo durante o mestrado e me deparei com artigo científico dos quilombolas Vinicius Alves da Rosa e Rafaela Fonseca da Silva (2023) sobre os conflitos religiosos na região. Havendo uma resistência institucional da igreja católica Nossa Senhora de Fátima às práticas devocionais da comunidade quilombola devota ao santo São Benedito. Arrisco a dizer que racismo religioso se encaixa nessa situação também por conta da via do sincretismo violento construído por séculos.

O Quilombo de São Benedito também é espaço de ensino de instrumentos musicais utilizados nos ritmos pretos, samba e pagode. O samba é um ritmo que amo muito. Não sei sambar como as grandes musas pretas do carnaval, mas é impossível pra mim não celebrar quando eu escuto o samba *sambar*. Ouvi uma vez que o carnaval não permite que a gente fique dentro de casa. Dentro de casa há uma individualidade. No carnaval a gente pensa em coletivo como a sociedade anda e porque a gente ainda não fez diferente. O carnaval é político. Todas as demandas do povo são contadas ali. Engraçado que quando eu me converti, aos treze anos, para religião evangélica foi num evento evangélico que tinha trio elétrico, tinha os ritmos axé, samba, forró com letras para Cristo, tinha dançarinas. Converteram o axé. Colonizaram o axé. E por ignorância ou má fé, os dirigentes dessa "Festa no Céu" excluíram totalmente a origem do carnaval vir dos terreiros das religiões de matriz africana. E como escapar também que o Brasil sempre será constituído também pela contribuição das religiões de matriz africana. Se é um ritmo que veio de África. Por que o ritmo em um contexto é demonizado e em outro é celebrado?

Antes dos treze anos, eu não tinha uma religião que eu seguia. Lembro que bem criança entrei numa gira de umbanda principalmente porque lembro dos tambores. Acredito que meu pai tenha me levado, mas tenho uma vaga memória de ter dormido num banco por lá. Com mais idade, ia com a minha mãe em alguns cultos evangélicos pois meu avô materno era pastor em Tapauá e teve uma época que minha mãe frequentava a igreja Assembleia de Deus. Por um período tentei fazer catequese, principalmente com o incentivo de uma amiga de infância. Lembro da avó católica dela comentar "Tadinha. Ela não tem religião. Precisa entrar em alguma". Aos onze anos, fui algumas vezes com ela na Igreja Católica, cursei algumas aulas de catequese e cantei no coral. Só não quis dançar alguma dança do café, não lembro

bem. Mas eu gostava das aulas de canto coral. Daí aos trezes anos, uma outra colega de infância me chamou para visitar uma igreja evangélica no bairro Santo Antônio, zona oeste da cidade, fiz a conversão e permaneci por três anos. Lá gostava de participar do canto coral também e da dança. Hoje em dia, passei a frequentar terreiros de candomblé, ainda não sou iniciada, mas me envolvo como exercício de fé, mas politicamente de conhecer e contribuir para o combate ao racismo religioso.

Não tem como ser uma jovem negra desviante. Sendo desviante, segundo Goffman, é ser um ator social que não se encaixa na moral vigente de um determinado tempo histórico. Mesmo que eu seja uma desviante, ainda estou inserida numa sociedade, mas escolhi me inspirar, ter referências de mulheres negras para eu definir os caminhos da minha vida. Para Audre Lorde temos a perspectiva de falar sobre humanos desviantes na sociedade e não falar em diferenças humanas. Sempre pensamos numa lógica de ameaça, em que a diferença não é entendida como potencialidade de criatividade, mas como um alerta, um perigo.

E aqui entra o livro *Um Defeito de Cor* sendo uma leitura sobre o Brasil, que se estruturou sob vários tipos de racismos, na desumanização de povos afro e afrodescendentes. Porém, o livro volta-se para as mulheres negras como protagonistas de suas comunidades contra o racismo. Este livro é um marco, não só para mim, mas para todos os negros e negras inseridos na sociedade brasileira. Ele completou 18 anos em 2024. Decidi utilizar ele como base para dissertar sobre a sociedade brasileira. Escolhi tratar de outro tema porque me considerava inexperiente para atender as demandas que poderia vir das pessoas que fazem parte do campo, da comunidade da escola de samba. Mesmo torcendo pela escola, assistindo os ensaios em frente à rua em que morava na época e sendo minha primeira vez como mestrandia, encarei com cautela o início de um relacionamento com a comunidade. Confesso que não estava em uma época boa se tratando de saúde mental. Estávamos no início de 2022, tendo aulas *online* ainda e algumas presencialmente com máscara, sem mencionar os problemas pessoais, pois quais passavam na época. Durante o mestrado tomei a decisão de mudar o projeto de pesquisa no percurso e investigar a identidade da mulher negra e propor diálogos interseccionais feministas a partir da obra literária *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Eu me apaixonei por essa obra. Eu não queria perder a perspectiva auto etnográfica também. Queria me entender primeiro antes de entender ou estudar uma comunidade específica. Como eu iria me apresentar ao outro sem ter essas reflexões sobre a minha existência em sociedade, como representações de mulher cis, negra, jovem, bissexual, de classe trabalhadora no Brasil, em Manaus.

Quando escolhi o livro conversando com meu orientador, eu ainda não entendia o peso dessa referência. Fui pedir indicação e pesquisar romances literários escritos por mulheres negras. Principalmente, depois de conhecer o trabalho *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, estava começando a compreender o que seria a escrevivência que retrataria uma das faces do Brasil. Na aula da disciplina de Tópicos em Cultura e Linguagens Artísticas decidi a mudança de projeto de pesquisa com apoio da obra *Um defeito de Cor*. Isso foi um divisor de águas para mim. Dez capítulos que pareciam uma revelação. O romance também mergulha na rica herança cultural dos afro-brasileiros, explorando suas tradições, crenças e as complexidades da identidade. Como o candomblé sendo a mistura de várias religiões dos territórios de povos bantos, iorubás. Como a passagem de *Kehinde* no Rio de Janeiro e seu despertar para o jogo de capoeira. Como sua estadia no Maranhão com a primeira fundação da religião de matriz africana, como o Tambor de Mina. Essa profundidade cultural retratada no livro ressalta a contribuição afro diaspórica para a formação na identidade étnica brasileira. Gonçalves tece habilmente comentários sociais na narrativa, abordando questões como racismo, desigualdade e o duradouro legado da escravidão. O romance não evita retratar a brutalidade da escravidão, incluindo seu impacto físico e psicológico sobre os indivíduos. Essa representação honesta das duras realidades da escravidão adiciona profundidade à narrativa e intensifica seu impacto.

Estar em contato com a literatura de mulheres negras me traz dignidade. Assim como a personagem *Kehinde*, de Ana Maria Gonçalves, menciona numa passagem do livro:

meu privilégio é saber um pouco de tudo. Só quando percebi isso foi que comecei a ligar uma coisa à outra, a pensar melhor na união sobre a qual o *Fatumbi* tanto falava, que um acontecimento, assim como as pessoas, estava ligado a outro e, mesmo acontecendo em épocas ou lugares diferentes, eles acabavam influenciando a vida de todo mundo, em todos os lugares (p.289)

Quando me deparei com a leitura dele vi que a escrevivência fictícia da personagem de *Kehinde* através de cartas que falam de suas vivências como africana, escravizada, a par da política no Brasil, líder nos movimentos pelo fim da escravização, e posteriormente mulher livre no Brasil e em África. Automaticamente surgiu a sensação de como eu escrevia meus diários. Sempre tive essa sensação de que alguém ia lê-los, mas sentia muito em mim o desejo de cristalizar as histórias pelo que eu passei para tentar entender o que estava acontecendo e dar um sentido a elas.

### **Racismo Científico**

Primeiro, o que é ter um defeito de cor? O indivíduo é marcado por um estigma de inferioridade por conta das suas características físicas. Apresentado principalmente como uma falha de inteligência, como se fosse nascido com a pessoa, carrega em sua carga genética.

Em nós, até a cor é um defeito, um vício imperdoável de origem, o estigma de um crime; e vão ao ponto de esquecer que esta cor é a origem da riqueza de milhares de salteadores, que nos insultam; que esta cor convencional da escravidão, à semelhança da terra, através da escura superfície, encerra vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade (GAMA, Luis, 1880)

Quando falamos em aspectos de letramento étnico-racial literário, por exemplo, é porque, em vários momentos, a literatura foi um instrumento para a formação da identidade brasileira. Por exemplo, com o romantismo, com seus toques de amor à pátria, a celebração da mistura entre as generalizações entre branco, preto e o “índio”, mas principalmente pelas narrativas atreladas ao bom selvagem, o indígena que ama o Estado Brasileiro, e, por conta de um racismo científico, exclui-se por completo a herança africana nessa equação e aqui entra o racismo científico, se negro tinha um defeito, ele não podia ser a cara do Brasil.

A literatura brasileira também fez esforços de embranquecimento de grandes nomes da literatura, como Machado de Assis. Quando nos propomos a pensar um letramento literário que vem carregado com as palavras étnico-racial, precisamos conhecer o que se entende por etnicidade ou racialidade e como esses dispositivos influenciam nos modos de vida brasileiros.

No dia 14 de março de 2024, Carolina Maria de Jesus completaria 110 anos de nascimento. Em Quarto de Despejo, uma das obras mais conhecidas de Carolina, a escritora relata sua vivência na favela de São Paulo, às margens do rio Tietê. A vivência descrita com suas crianças, seus vizinhos, políticos que de vez em quando iam visitar os moradores da favela. Por muitas vezes, a literatura de Carolina não foi considerada como literatura brasileira, pois por conta do racismo se tem a ideia de que literatura é a realizada por elites, herdeiros dos benefícios econômicos dados pela exploração de etnias africanas e indígenas no Brasil.

Quando alguém menciona letramento me vem à mente a possibilidade de se letrar e, para mim, um bom começo é se atentar para as escrevivências de mulheres negras, para que se compreenda como se fazem espaços de denúncia de desigualdades e desprezo social e nos quais prospere a equidade para desfrutar os direitos como parte da população brasileira. Durante o mestrado decidi abraçar a prática de escrevivências advindas da literatura produzida por Conceição Evaristo. Para Evaristo, a escrevivência é a escrita experienciada na

condição da mulher negra. Na literatura brasileira de Conceição Evaristo é possível notar as situações por quais passam as mulheres negras, como violência doméstica, racismo, empregos subalternos, entre outras.

As escritas de Carolina Maria de Jesus e Ana Maria Gonçalves são exemplos preciosos de escrevivências. Carolina ao expor seu cotidiano na favela do Canindé. Ana Maria ficcionalizado a vida da mãe de Luís Gama, uma africana que passa por muitas vivências de mulheres negras atualmente, como sendo o apoio de seus familiares, empregadas domésticas, empreendedoras, líder em movimentos para melhorias sociais, cientistas, parteiras, intelectuais, inventoras, líderes religiosas.

Dando um zoom na cidade de Manaus, vemos uma porção ao norte do país com a presença numerosa de povos indígenas, povos da floresta, povos da cidade que vieram de outras cidades brasileiras e até estrangeiras, mas cujos traços da maioria dos habitantes ainda são indígenas, pardos e pretos. Manaus tem presença indígena e negra muito forte. E o fazer literário daqui? A literatura daqui não é regional. É brasileira. É indígena. É preta. Por muitas vezes, são as mulheres negras, indígenas, pretas, mães, que correm atrás de um futuro melhor justamente por enfrentarem inúmeras opressões, seja por questão de gênero, raça ou classe social. Ouço muito de amigos que frequentam terreiros de que as árvores, o vento, a água são os nossos ancestrais. Por muito e por causa de muita dor emocional, pensei que o melhor era buscar a utopia da individualidade, da independência financeira, mas o mundo não foi feito pra mim. Segundo provérbio africano: O conhecimento é baobá. Ninguém pode abraçá-lo por completo. Para Conceição Evaristo “A ancestralidade é a raiz de nossa identidade, conectar-se com ela é um ato de resistência”. “O choro não é só de uma mulher. O choro é da mulher, da mãe, da avó e da bisavó. Choro de todas as gerações”

Eu vivendo minhas práticas artísticas, intelectuais, risadas e tristezas, também são escrevivências, também são literaturas. Conversar sobre letramento étnico-racial sempre é um convite para quem se propõe aprender quais necessidades não estão sendo atendidas para que se exerça a humanidade das pessoas. Eu não nasci sabendo que há questões de etnicidade no mundo, mas inúmeras vezes notei a desigualdade social no meu cotidiano.

A literatura é uma arte e como toda arte imprime à vida, imprime a possibilidade de conhecer o bê-á-bá, aquelas letras, os símbolos que possam representar um código em comum a todos. Não nos permitamos mais não conhecer Carolinas, Amandas, Patrícias, sem respeitar suas escrevivências, sejam elas impressas no cotidiano da Academia, na poesia, ou na luta por um mundo mais humanizado.

Estamos todos às margens das águas, sendo do rio Tietê, do rio Negro, do rio Níger. Letramento é identificar quem está mais à margem, quem está perto do rio, se o rio é mais poluído, desvalorizado, esquecido, soterrado. Eu falo de rio, mas também falo de sujeitos que não eram considerados aptos ou nem sequer cogitados para o cânone literário. Há uma literatura brasileira e isso tem a ver com o território? Quem pode dizer o que é literatura?

O poema *Ismália*, de Alphonsus de Guimaraens, e lembrado na música *Ismália*, do artista Emicida, e narrado por Fernanda Montenegro, por exemplo, fala desse racismo científico. Emicida associa a história grega de Ícaro que voou aos céus com uma invenção, asas de cera, porém, por facilmente se encantar com a beleza do impossível, Ícaro voou perto demais do sol fazendo com que as suas asas derreteram e seu corpo caísse para a morte. Na frase “*Ter pele escura é ser Ismália*”, Emicida quer dizer, no meu ponto de vista, que a vida das pessoas negras no Brasil é tão difícil por conta de uma ideologia de inferioridade inventadas por brancos da elite, que ser feliz, ter sucesso, viver bastante, e muitas das vontades naturais de um ser humano se assemelha a sonhos impossíveis e perigosos para a população negra brasileira pois podem ser interrompidos pelo racismo.

O principal discurso o qual a afirmação de Emicida se opõe é o de democracia racial, que parte de um Brasil ímpar por não ter preconceito étnico, mesmo com mais 390 anos de escravidão que nos antecedem. Com o presidente brasileiro proferindo discursos “afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas” se referindo a um quilombola. Se o Jair Messias Bolsonaro falou isso sobre um quilombola é porque ele teve contato com narrativas de como se trata certas pessoas no país, a fim de reduzir suas vivências a produto a venda. Fiorin introduz a noção de que todo discurso enunciado está necessariamente dialogando com outros discursos já existentes, seja para opor às suas ideias, seja para concordar. O que eu entendo disso é que apenas comparativamente se pode compreender quais peculiaridades presentes na forma de organizar o discurso daqueles falantes. Desse modo, o discurso apresenta a si mesmo e o seu contraste. E conforme a “História” for progredindo, cada discurso irá se alterando em relação ao anterior.

A relação da música com o poema é de que ambos tratam de sonhos impossíveis que terminam em morte e sofrimento. O discurso de Emicida na música fala sobre o olhar da reparação histórica que justifica o porquê de alguns grupos sociais não acessarem lugares de educação e poder por conta de opressões estruturais e históricas. Em contraste, há o discurso meritocrático, que acredita que privilégios sociais foram conquistados somente por esforços

individuais e não por uma estrutura de subalternização das pessoas negras, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência e pobres.

### **Discurso de Kehinde**

“Dava-se ao comércio [minha mãe] – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram efeito”. (GAMA, Luís)

Sabemos quem foi Luís Gama, nasceu livre, vendido pelo próprio pai branco português, buscou conhecer seus direitos, exigiu que fosse liberto pois nasceu livre, tornou-se exímio advogado de escravizados e ajudou muitos na libertação. Assim como Esperança Garcia, considerada a primeira advogada negra pois escreveu uma carta em 1770 endereçada às autoridades do governo de Piauí e denunciando as condições de violência e abuso na fazenda onde vivia e pedindo o fim da opressão para si e seus filhos.

E só nos resta fabular quem foi a mãe de Luís Gama, participante de insurreições e que sobreviveu a *Calunga*. Foi o que fez Ana Maria Gonçalves, como a missão espiritual de nos revelar a força do que é ser mãe preta sob o vigia do Estado Brasileiro, o racismo. Quando escuto a voz de Mano Brown ecoando as seguintes palavras: “Aí Dona Ana, sem palavra// A senhora é uma rainha, rainha”, se referindo a mãe dele na música Negro Drama e expondo nas rimas a relação da mãe negra solteira e seu filho negro como promissor vagabundo na sociedade. Nesse Brasil, se você vir um menino, homem preto vivo é porque teve uma mãe esgotada pedindo forças para que sua proteção sobre ele não cesse. Outras mães foram violentadas ao perder seus filhos para brutalidade racial. Muitas das escrituras de mulheres negras a meu ver vão passar pelos seus filhos. Muitas delas não têm tempo para pensar sobre a própria vida, preocupadas com a expectativa e qualidade de vida deles. Ao escrever isso, sempre vem um *ítan* de *Oxum*, que muitos amigos meus de religião de matrizes africanas me aconselham: “Oxum lava primeiro as suas jóias depois lavam seus filhos”. No Brasil, para muitas mães é quase inconcebível. Se seu filho virou marginal, a culpa é dela. Ainda esse ano de 2024, assisti ao desfile do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Portela cujo enredo foi sobre Um Defeito de Cor. Enquanto o livro traz uma carta de uma mãe para o filho. O enredo de samba se transforma em carta de resposta do filho para mãe. No desfile da Portela, o enredo conta a versão de Luís Gama respondendo a mãe. “Teu filho venceu, mulher!” Os carros alegóricos que me chamaram mais atenção foram sobre o grande

cemitério de corpos de diversas etnias africanas no fundo do oceano durante a travessia de um continente a outro. Esse cemitério é conhecido como *Calunga* por religiões de matriz centro-africana. Outro carro alegórico que se emocionou bastante foi sobre a homenagem às mães que perderam seus filhos para violência policial e racista. Fiquei muito feliz que minhas duas ideias de projeto de alguma forma se interligam pois acredito que tudo acaba voltando para Mãe-África e Mãe-Pindorama.

Quantas mães pretas de minha família, da família dos meus amigos, dos meus vizinhos não choraram ao ver seu filho negro aliciado para o mundo do tráfico e/ou de ser usuário. Se uma mulher negra já sofre por si só por ter o corpo racializados e marcado por um gênero e por uma invenção de uma raça, quando ela se torna mãe de outra mulher negra ou um rapaz negro, a sua luta fica mil vezes mais difícil porque muitas vezes ela tem que se anular, interceder para que o Estado não mate o seu filho ou para que a violência de gênero não encontre a sua filha.

A Portela então traz o seguinte samba-enredo, no carnaval do Rio de Janeiro, em 2024, como uma contraproposta que com a extinção da ideologia da diferenciação racial, verdadeiramente seremos livres, iremos vencer:

O samba genuinamente preto  
 Fina flor, jardim do gueto  
 Que exala o nosso afeto  
 Me embala, oh! Mãe, no colo da saudade  
 Pra fazer da identidade nosso livro aberto  
*Omotunde*, vim do ventre do amor  
*Omotunde*, pois assim me batizou  
 Alma de *Jeje* e a justiça de Xangô  
 O teu exemplo me faz vencedor  
 Sagrado feminino ensinamento  
 Feito águia corta o tempo  
 Te encontro ao ver o mar  
 Inspiração a flor da pele preta  
 Tua voz, tinta e caneta  
 No azul que reina Iemanjá  
 Salve a lua de *Benin*  
 Viva o povo de Benguela

Essa luz que brilha em mim  
 E habita a Portela  
 Tal a história de *Mahin*  
 Liberdade se rebela  
 Nasci quilombo e cresci na favela!  
 Salve a lua de Benin  
 Viva o povo de Benguela  
 Essa luz que brilha em mim  
 E habita a Portela  
 Tal a história de *Mahin*  
 Liberdade se rebela  
 Nasci quilombo e cresci na favela!  
*Orayeye Oxum, Kalunga!*  
 E mão que acolhe outra mão, macumba!  
 Teu rosto vestindo o *adê*  
 No meu alguidar tem dendê  
 O sangue que corre na veia e malê!  
 Em cada prece, em cada sonho, nega  
 Eu te sinto, nega, seja onde for  
 Em cada canto, em cada sonho, nego  
 Eu te cuido, nego cá de onde estou  
 Saravá Kehinde! Teu nome vive!  
 Teu povo é livre! Teu filho venceu, mulher!  
 Em cada um de nós, derrame seu axé!

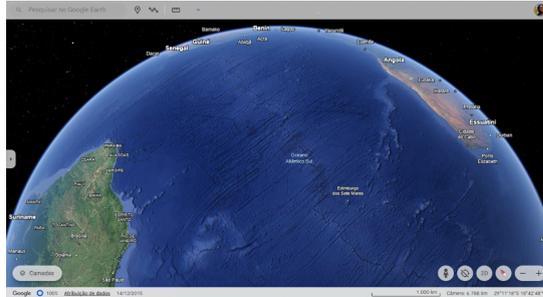
Quais ações da *Kehinde* podem me acompanhar no meu raciocínio como mulher negra?

Toda a trajetória de *Kehinde* é contada por ela por meio de cartas que gostaria que seu filho recebesse após ele ter sido vendido como escravo pelo seu pai branco. Ela conta desde o sequestro dela das terras de *Savalu*, passando por outra cidade chamada *Ouidah*, conhecida hoje pelo monumento Portal de Não Retorno em Benin, onde os escravizados entravam nos navios de tráfico humano.

*Kehinde* narra também sua passagem pelo oceano Atlântico, conhecido como grande Calunga, o grande cemitério e chegando às terras que hoje é chamada de Ilha de Itaparica, e posteriormente viajando para a capital do Brasil Colônia, São Salvador. *Kehinde* não só passa

pelo que hoje é considerado Bahia, mas também viaja para São Sebastião, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais à procura de seu filho. A filha, a neta que saiu de Daomé, na África. Tornou-se mãe no Brasil. Tornou-se avó em África. Fez lembrar-me de minha mãe. A filha e neta que saiu de Tapauá. Tornou-se mãe em Manaus. Porém, por enquanto, não decidiu voltar.

Figura 13 - Oceano Atlântico



Fonte: *Google Earth*

Há vários momentos importantes na vida de Kehinde no meu ponto de leitura, quando:

- Separa-se de sua irmã gêmea e sua avó *vodunsi* pois elas morrem no navio;
- Ao chegar no Brasil, usa de carisma para ser escolhida e ser comprada por escravocratas; O primeiro capítulo do livro traz a cosmovisão das religiões do território que chamamos de África Central, o contexto em que vivia *Kehinde*, com sua avó e irmã gêmea. Os conflitos entre as etnias que viviam naquele território. Quando *Kehinde* foi sequestrada junto à sua avó e irmã. Gonçalves retrata o navio, as condições de higiene e alimentação. O primeiro e segundo capítulos marcam a travessia de *Kehinde* da terra africana por meio do mar até chegar às terras de Pindorama. No segundo capítulo evidencia-se melhor sua vivência na casa grande.
- É comprada para ser a escravizada acompanhante de uma criança branca; vive como escravizada dentro da Casa Grande.
- É assediada sexualmente pelo escravocrata que a comprou.
- É odiada pela esposa do senhor
- Apaixona-se por outro escravizado
- É estuprada pelo escravocrata que a comprou.
- Engravidada do escravocrata que a comprou.
- O escravocrata morre e ela fica a serviço da esposa dele
- Se mudam para São Salvador
- Torna-se escrava de ganho

- Se rebela e obriga a receber a carta de alforria
- Empreende como doceira
- Compra a carta de alforria de seus amigos
- Envolve-se com um português. Capítulo 6 – Vivência com um marido branco português.
- Se alfabetiza com um malê
- Conhece *Agontimé*,
- Seu primeiro filho morre
- Seu segundo filho, nascido livre, é vendido como escravizado pelo seu pai branco. Capítulo 6 – Vivência com um marido branco português. Aproximação com a vida política e seus assuntos. Preterimento racial nas relações afetivas.
- Capítulo 7 – A par da vida política na época oitocentista. Menção a economia da época. Ingleses e portugueses numa disputa pelo Brasil.
  - Alguns pretos acharam que o passo seguinte seria a alforria de todos os escravos do país, porém, os mais esclarecidos disseram que o governo brasileiro já tinha feito o que era possível sem desestabilizar a sua permanência no poder, e mais não faria que o fim da escravidão, só mesmo a força. Era sobre isso que os muçurumim tanto conversavam, e o Fatumbi disse que estavam muito próximos de um acordo entre eles, para depois começarem a planejar uma rebelião.” (p.436)
- Revolta dos Malês e participação de Kehinde. Evidência das diferentes etnias e religiões; fuga de Kehinde após a revolta.
- Ela se inicia no tambor de Mina. Capítulo 8 – Vivência com as sacerdotisas. Espiritualidade de raízes africanas mais em evidência. A busca pelo seu filho.
- Decide voltar para *Ouidah* e posteriormente ao Brasil. Capítulo 9 – Retorno à África. Velhice em África. Brasileiros. Luísa Andrade da Silva. Capítulo 10 – Despedida de uma vida.

Nesse sentido, o romance *Um defeito de cor* tornou-se para mim um discurso que está em oposição da democracia racial pois protagoniza a história de mulheres africanas e negras que chegaram às terras *pindorâmicas* e sofreram inúmeras violências para construir a economia do que chamamos hoje de Brasil. Elas tiveram papéis importantes nas insurreições, na cura por meio de seus cultos aos seus ancestrais e seus *orixás*, *vodunsis*. Tiveram que se aliar com diversas outras etnias de África e aos indígenas desse território para desbravar e sobreviver numa terra que não era sua. Isso me lembra um samba de Dona Ivone Lara: “*Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou para eu pisar nesse chão devagarinho. Alguém me avisou para eu pisar nesse chão devagarinho*” ou outra música de

Luedji Luna chamada *Um corpo no mundo* que remete a travessia das escravizadas pelo oceano atlântico. A parte de se aliar com pessoas indígenas não li na edição de 10 anos do livro. Mas sabemos da existência dessas relações.

A partir de minhas leituras sobre o movimento literário conhecido como negritude surgido pela tomada de consciência sobre o que seria um africano intelectual em países colonizadores como a França foi quando me dei conta da importância de se propor subjetividades e coletividades. O que é subjetividade? Quando eu participo fora da academia com os que tomam para si a afirmação de identidade não estou participando de uma rede de sociabilidade acerca do que é ser negro, amazônica, artístico. Os tais quilombos intelectuais. Quando me proponho a conhecer grupos de capoeira, grupos de escola de samba, grupos de candomblé é porque de alguma forma quero conhecer e honrar grupos que formaram a região amazônica e nos ensinam sobre a formação desse país.

Quando *Aimé Césaire* apresenta dois problemas que a sociedade europeia não resolve, os quais se originaram devido a sua existência no mundo: o problema do proletariado e o problema colonial. E que diante disso, não há defesa para Europa. O que é a colonização? Um modo que a Europa utilizou para amplificar sua economia de natureza antagônica. De onde surge a raiz para matar e saquear toda uma outra civilização? Do presunçoso cristianismo, que para *Césaire*, resultou em equações injustas que calculadas resultam em cristianismo como sinônimo de civilização e paganismo como sinônimo de selvajaria. Na essência dessa lógica há um racismo contra todos os colonizados. O autor critica que o colonialismo foi o pior método de contato com outras culturas. Para ele, é edificante a troca cultural entre os povos. Ainda mais pela localidade territorial da Europa que pôde se fazer o ponto de encontro de todos os debates filosóficos, porém a forma como se obteve tais recursos de nada humano e civilizatório teve.

O processo de colonização europeu para interromper a dita selvageria das outras culturas tornou a Europa selvagemmente pura. Como um predador faminto e racista. Na escola, aprendi que o nazismo é uma coisa terrível, mas atualmente não lembro de nenhum debate acerca do racismo e escravidão como sistema de dominação contra negros e outros não brancos era semelhante e anterior ao nazismo. Para escolas estaduais do Amazonas, no período que compreende de 2008 a 2013, época que cursei o ensino fundamental e médio, não se explicava o comércio de negros nos moldes de um processo colonizador que serviria para uma economia escravocrata brasileira.

Aimé Césaire cita a revolta burguesa contra os crimes cometidos por *Adolf Hitler*, com a sua ideologia nazista. Na visão do autor, o nazismo nada menos é o processo colonizador o qual a Europa já havia instaurado em culturas de não europeus. E que a sensibilização de um pseudo humanismo se sustenta nessa lógica. Para brancos europeus que foram violados fisicamente, psicologicamente e forçados ao trabalho há uma certa comoção, porém não a burguesia e os intelectuais que repudiam esses atos não entendem ou hipocritamente não sustentam que o continente europeu com sua sede de colonizar os não europeus cometeram o mesmo pecado. Enquanto para uns, *Césaire* não reconhece o progresso trazido pelas barbáries europeias, o autor defende que o processo colonizador aniquilou a organização política e cultural dos povos colonizados, ou seja, nas falas do autor: das possibilidades suprimidas.

Para Césaire não houve um progresso, houve uma proletarização. O problema África não é pela lenta “progressão civilizatória”, mas a maneira apressadamente violenta. Césaire atribui a essa pressa a ganância de capitalistas industriais, detentores das finanças que compram o mundo. Por conta disso, a Europa tem uma dívida maior. Por roubar riquezas e empilhar corpos. O autor ainda argumenta que o progresso dos territórios africanos se deve aos originários destes, pois são eles, que pedem desenvolvimento e os colonizadores os negam.

Na entrevista para o programa de televisão Roda Viva, Ana Maria Gonçalves revela que a forma que ela achou os escritos que poderiam ser de Luísa *Mahin* foi inventada por ela, levando-nos desse modo a reflexão sobre fabulação. Para Ana (2023) se extinguiram os conhecimentos sobre um povo há o direito de fabular para memória não se perder. Interessante que um ano depois, no dia 24 de abril de 2024, o atual presidente de Portugal reconheceu a violência colonialista que os povos originários e africanos sofreram para constituição da colônia e posteriormente República Brasil.

## CONCLUSÃO

As mulheres negras estão à frente das grandes movimentações políticas contra a violência racial e de gênero no Brasil. Quando *Angela Davis* (2017) ao visitar a Bahia enfatizou que “Quando uma mulher se movimenta, toda a sociedade se movimenta com ela” pois ela sabe a contribuição absurda das mulheres negras brasileiras para o debate racial e de gênero para o mundo.

No capítulo um mostrei como a escrevivência e o feminismo negro pode ser a chave para que se escute quem está na base da pirâmide social e para que se torne realidade a equidade racial e de gênero. Há tantas outras intelectuais que eu não coloquei nesse trabalho, mas que se ocupam para garantia de direitos humanos, como Erika Hilton, por exemplo. No capítulo dois trouxe algumas de minhas vivências e as escrevi nesse trabalho para que se saiba as tomadas de consciência política que eu adotei, que mesmo com medo eu não me deixo definir por mim mesma. Por fim, no capítulo três, quis discorrer como na história do Brasil há mulheres negras que salvaguardam a cultura afro-brasileira. Audre Lorde defende: "Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas. E não sou livre enquanto uma pessoa negra estiver acorrentada. Nem é livre nenhuma de vocês."

Portanto, faz-se necessário a escrevivência para reforçar as identidades das mulheres negras brasileiras para denunciar as desigualdades por quais nos enfrentamos. Lembro que eu estava na casa de uma colega e vizinha e avó dela pediu uma vez para mim que eu finalizasse uma lição da escola dessa colega e eu neguei. E ela sorriu, talvez constrangida. Grada Kilomba (2024) na entrevista ao programa Roda Viva, perguntou qual o momento que uma criança passar a ser vista como serviçal? Para Kilomba o colonialismo causa esse efeito: coloca o homem branco como principal detentor de poder. O homem preto e a mulher branca possuem um dos dois elementos para que se utilize o poder de decidir o coletivo, porém a mulher negra não é homem e nem branca. O processo do mestrado foi muito interessante. Cheguei com medo de errar, de interagir, de questionar. Saí com ego ferido. A luta de classificação é o beabá da pesquisa. Quais foram minhas pré concepções do que seria ser uma mulher negra? Para que tanta correria? Eu cansei. Burnout de relacionamentos. Do trabalho. Estamos em sistema neocolonial? Eu escolho quem eu leio. Aprendi na escola Um Defeito de Cor. Aprendi na escola Conceição Evaristo. Aprendi na escola de samba. Lendo o livro que Nego Bispo (2023) nos presenteou “A terra quer A terra dá.” Ele fala que os povos da cidade querem ser importantes e que os povos do quilombo querem ser necessários. Eu estou

querendo ser necessária, parece uma boa filosofia de vida para se seguir e é que ando escolhendo. Eu vi de perto como a política pública opera dentro da minha família. Eu sou um ponto no universo. Quando você escolhe uma imagem digital para editar há ferramentas que permite você escolher a cor de um ponto só e minha dissertação tem uma cor só, mas que conversa com outras cores, outros pontos de vista. Eu gosto muito que seja frequente a frase no mestrado: Coloca os autores pra conversar. Quantas vezes chamei Conceição Evaristo para me contar sobre suas ideias de escrivência enquanto eu tomava um chá para tentar acalmar minha ansiedade de escrever uma dissertação sobre a minha resposta na parte da conversa.

Não me sinto preparada para estar aqui, mas quero experimentar tudo isso, do meu jeito. A Academia me afeta. Tudo me afeta. Eu estou cada vez mais entendendo que como uma mulher negra eu mereço acolhimento, aprender a escola do acolhimento errando, mas admitindo quando se erra e me humaniza. Eu quero viver. Seja pensando sobre feminismo negro, feminismo negro amazônida. Eu sou negra? Eu vou me descobrindo negra. Sei que a sociedade brasileira com esforços institucionais e de poder primeiramente apagaram a contribuição negra e indígena para formação do que é a ilusão de Brasil. O que é o Brasil? Eu sou do Brasil? Eu quero ser da Amazônia. De onde meus pais e meus avós vieram. Onde eu estabeleci minhas raízes. Claro que minhas raízes se instalaram no concreto das ruas de Manaus. Mas minha formação intelectual, emocional, familiar foram fincadas aqui. Não pensar nas culturas da Amazônia. É pra cá que quero devolver meus conhecimentos, construir juntamente com os povos daqui.

Minha mãe tem pele marrom avermelhado, nariz achatado, lábios grossos, olhos puxados, quase sem sobrancelha e fico feliz em que meu rosto reconheça traços dela e de meu pai. Até este momento minha mãe não tem casa própria e eu também não tenho casa própria. Eu me identifico muito com a luta dos povos indígenas em relação ao território que são deles. Como povo da cidade que busca relacionamento com outros povos me espelho na luta deles por dignidade de vida, bem-viver. Para uma casa própria. Um território, uma terra para plantar e colher. Uma terra fértil porque também não adianta nada uma terra infértil que não produz alimento. Como seres humanos estamos em busca de água, alimento, abrigo, aquecimento, conforto, festa para celebrar a colheita e o trabalho.

Eu sempre gostei de dançar. Minha mãe disse que uma das memórias que ela tem quando eu era um bebê de dois anos era do meu pequeno corpo gordinho dançando boi. E a dança sempre me aliviou de ansiedades. A primeira vez que entrei em contato com a dança foi

na igreja. Achava lindos os movimentos de levantar as mãos como se estivesse tentando alcançar o divino e pedindo para que as dores sociais passassem. Quando parei de frequentar a igreja voltei com mais frequência a dançar forró, funk. Não tão bem, mas parece que tudo que eu não consegui expressar com palavras, me expressava por meio da dança. Por conta de todas essas experiências de vida, eu quero trabalhar com o tema sobre mulheres negras para encontrar na literatura, na academia exemplos de outras referências que me levem a enxergar o mundo por uma ótica além da criação de um ambiente dominado pela figura masculina, com um patriarca cumprindo esse papel de provedor, corretor da moral, dentre outros. Por essa diferenciação e pela diversidade de mulheres negras. Audre Lorde (2019) escritora norte-americana e militante do movimento negro alerta para um feminismo negro sem hierarquização de opressões “em uma sociedade onde o bom é definido em termos de lucro e não em termos de necessidade humana, há sempre um grupo de pessoas que, por meio de uma opressão sistematizada, é obrigado a se sentir supérfluo, a ocupar o lugar do inferior desumanizado. Dentro dessa sociedade, esse grupo é composto por negros e pessoas do Terceiro Mundo, trabalhadores, idosos e mulheres.”

como membros dessa economia, todos nós fomos programados para reagir com medo e ódio às diferenças humanas e a lidar com essas diferenças de determinada maneira, dentre três: ignorá-las e, se isso não for possível, imitá-las se acharmos que são dominantes, ou destruí-las se acharmos que são subordinadas. Mas não temos modelos para conviver com nossas diferenças como iguais. (p.)

A autora ainda nos instiga a buscar um futuro que “dependa da capacidade de todas as mulheres em identificar e desenvolver novas definições de poder e novos modelos de convivência com a diferença” (p.)

Eu queria ter presenciado a outra versão dos meus pais. Queria que em 2008 meu pai não fosse demitido da empresa que ele trabalhava. Queria que ele começasse a realizar terapia psicológica e psiquiátrica para aprender a conviver bem com o diagnóstico de esquizofrenia dele e nós como família dele, pudéssemos ter aceitado ele do jeito que é. Fisicamente e psicologicamente. Queria que meu pai apesar de ser uma pessoa com deficiência física não fosse alvo do capacitismo. Ele não se considerava incapaz e nós também não o considerava. Porém, foi no lado psicológico que ele não “aguentou”. A depressão e a ansiedade o abraçaram e sem suporte emocional, a saúde mental se deteriorou.

Queria que meu pai tivesse terminado o ensino de inglês e começado a estudar engenharia civil que era a vontade dele, quando me revelou uma vez numa conversa. Eu considero meu pai um homem inteligentíssimo. Ele sempre me incentivou a ler, a estudar.

Queria que a minha mãe quando jovem e já como minha criadora pudesse se amar mais, ter tido a oportunidade de se curar da perda da mãe dela. Da minha mãe, eu herdei a empatia, a generosidade, o sorriso e o temperamento. Ela é inteligentíssima. Ela tem um ar empreendedor, o fazer acontecer. Enquanto meu pai é mais do mundo das ideias. E os dois são engraçados. Meu pai conta piada. Conta histórias rindo. Minha mãe também e vejo ela com tanta força por conta da leveza dela em várias situações que se fosse eu, eu não “aguentaria”. O jeito que ela ri. A coisa que eu mais amo dos meus pais é quando eles riem. Porque é o único momento em que eles estão em paz. Bem com eles mesmos, bem entre si, bem comigo e com o meu irmão. Eu queria ter crescido assim. Mas foi bem diferente. Bem pesado. Bem estressante e marcante.

Hoje eu só quero que eles encontrem essa alegria diariamente. Que eles encontrem forças para amarem a si próprios e buscarem saúde e paz. Não importa se mais de 20 anos foram como se fosse uma prisão. Eu peço que o Estado seja mais eficiente na promoção das necessidades básicas de famílias negras, indígenas e pobres.

O meu avô paterno faleceu em 2018, por mais que ele tinha toda essa visão de mundo e toda contradição que o ser humano comporta, eu quero agradecer a ele por cuidar de mim, por cuidar dos seus, não deixar a gente passar fome, sem teto pra morar, sem educação para progredir, que por mais que a gente tivesse visões diferentes do mundo, ele nunca me desamparou, sempre me incentivou a buscar educação. Ele me chamava de doutora e eu criança, sempre achei que ele falava sobre eu ser médica, mas não é bem esse tipo de doutora que estou almejando ser.

O mestrado é o primeiro passo para mostrar para pessoas que tenham a mesma visão que meu avô tinha vivo, de que a negritude que a nossa família carrega não tem de ser silenciada, ela não é sinônimo de vergonha, de ser escondida. Como *bell hooks* cita “Em um contexto supremacista branco, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora.” (HOOKS, 2019, p.40). E talvez no doutorado, quando eu puder ser chamada de doutora é que minha pesquisa possa servir de reflexão para que as famílias negras a enxergarem e combaterem o racismo.

Eu iniciei capoeira em julho de 2023 e fiquei empolgadíssima e admirada quando vi a roda de capoeira. Principalmente por conta das ladainhas, que falavam sobre os quilombos, sobre lideranças negras. A Capoeira que encontrei em Manaus foi através da Fundação Internacional de Capoeira Angola. A minha primeira roda de capoeira foi na avenida Eduardo

ribeiro onde há XX anos acontece a roda de capoeira da Frente Ampla de Angola. Fundação Internacional de Capoeira Angola. As cores da FICA são amarelas e pretas das mesmas cores do pássaro Japiim. Eu tô fazendo o meu rolê. Esse é o meu rolê que fala de muitos outros também. Eu tenho proteção. Eu peço proteção. Eu tenho orgulho de mim. Eu sou mulher-pássaro. Eu danço. Eu voo. Eu vou. Eu fujo. Eu encaro. O *afropindorâmico* tá aqui também. Todos esses símbolos me trazem força para superar os símbolos necropolíticos sobre mim. Necropolíticos, por sua vez, porque falam de palavras de morte: feminicídio, suicídio, estupro, chacota. Eu sinto um pássaro que pousou brevemente em cada casa guardiã e fez ninho seguro para minha humanização. Aqui antes de tudo é um registro de que Manaus respira cultura afropindôramicas, nos termos de Nego Bispo (2023) para além daquelas coloniais portuguesas.

A imagem de Entidades, de Jaider Esbell que vem a minha mente. Acho que estou à procura de ancestrais da cultura, guardiões das cosmovisões, como enxergo nas manifestações que há em Manaus, como as casas de Candomblé, o Carnaval, as rodas de Capoeira Angola, os Maracatus, os teatros negros, as *ballroom* negras e indígenas LGBTQIA+. São essas as referências que eu procuro. Nego Bispo (2023) afirma que a cosmofobia é a doença da humanidade e eu não quero morrer dela.

Estou montando minha rede de apoio com honestidade. Tô aprendendo a viver sozinha. A me virar sozinha, mas a pedir ajuda também. Eu não posso deixar a emoção de tristeza ditar meus caminhos. Quem dita meus caminhos são os meus sonhos. E o meu sonho é viver com qualidade e chamar isso de amor-próprio, ter um lar, viajar muito, me divertir, conectar com pessoas que transformam o mundo pra melhor, ser uma pessoa que trabalha para que o mundo seja melhor pra mim e pros meus. E tô me virando com os recursos que eu tenho disponível. Meu quilombo. Eu tenho um quilombo. Eu tenho uma comunidade. Eu não ando só.

Grande parte do meu movimento por saúde mental foi iniciar uma relação de análise psicológica por um viés de clínica racializada. A escuta racializada permite o reconhecimento de atravessamentos históricos e sociais para construção e elaboração psíquica de cada indivíduo. A minha psicóloga é uma mulher negra que se especializou nessa abordagem. Enquanto não for senso comum, os traumas advindos pelo racismo em nossa sociedade, faz-se necessário uma metodologia que fala das particularidades de um corpo e mente que são atravessados por micro agressões e agressões explícitas no cotidiano. Para Sueli Carneiro (ano) “O negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes

do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário, o negro chega antes da riqueza”. Faz três anos que iniciei esse processo e entendo como o espaço só meu. Esse movimento de cuidado custa parte dos meus rendimentos e fico pensando realmente no que já havia comentado sobre o papel do Estado na promoção da saúde mental das mulheres negras.

Se tais Estigmas bem como as imagens de controle proposto por Collins. Ora em nosso cotidiano aceitamos essa imagem de estigma quando tomamos consciência racial sobre a identidade. Para que serve uma mestra? Ensinar, preservar. Quem é a mestra? É aquela que ensina. Quando entrei no mestrado não refleti suficientemente para destrinchar o que seria esse termo. Para que um mestre? Aos meus arredores, lembro bem de um amigo ator indagando para que serve a arte? Mestre é aquele que veio antes, que vivenciou o antes, que guardou as receitas, os jeitos, o tempo e compartilhou com quem é curioso tudo isso e compartilhou às vezes impaciente, às vezes paciente. Alguns humanos definiram um mestre que sabe de toda a vida. Outros humanos acreditam que há um mestre para cada parte da vida. Alguns humanos acreditam que a própria vida é uma mestra. Outros acreditam que outros humanos são mestres.

Primeiro entrei no mestrado com o tema sobre a relação do bairro Morro da Liberdade com a escola de samba Reino Unido da Liberdade, mas no decorrer do curso por não estar entrosada com a comunidade, me senti desconfortável e inexperiente para entender e receber as demandas desse campo. E percebi que não tava tentando atender minhas próprias demandas de uma conexão com o tema. Questões do porquê quis falar sobre isso? E por que não tentar entender a mim mesma como parte de uma sociedade e posteriormente a uma comunidade?

O ser humano nasce para se conectar e para pertencer e todo esse mestrado é para pertencer a mim mesma, aos meus e ao mundo. Me inscrever no mundo como ensina a mestre Conceição Evaristo. O fazer acadêmico é dentro de uma Academia de Intelectuais, logo a Academia de Intelectuais está no mundo assim como a Academia de Intelectuais da Margens também estão. Quem são os intelectuais? Não são todos que tem intelecto? Que esta carta se endurece a quem gosta de melhorar o mundo. Que esta carta seja endereçada a quem gosta de celebrar novos escritos e novas leituras desse território.

## REFERÊNCIAS

- AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse Tecendo Teias Na Diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse**. Belém: Secult/PA, 2019
- BENITES, Sandra. **A memória demarca o nosso corpo**. Cadernos Selvagens. 2023.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.
- BRASIL Ministério das Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher**. 1ª Impressão. Brasília:Ministério das Mulheres, Abril, 2024, 468 p. Disponível em: [https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2024/abril/relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-volta-a-ser-publicado-apos-quatro-anos/MMulheres\\_RASEAM\\_2024.pdf](https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2024/abril/relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-volta-a-ser-publicado-apos-quatro-anos/MMulheres_RASEAM_2024.pdf)> . Acesso em: 20 de abril de 2024.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Jandaíra, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres** Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 1959
- GONZAGA, Paula Rita Bacellar. **“A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo”**: produções de si e do mundo a partir da ancestralidade, afetividade e da intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. Orientadora: Claudia Andrea Mayorga Borges. 2019. 374 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo, Elefante, 2019.
- LORDE, Audre et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995. NETO.

RAMOS, Silviane. **Tereza de Benguela: a rainha**. Disponível em: <<https://www.bb.com.br/docs/portal/dimac/BB-Faces-Negras-Importam-Biografia-Tereza-de-Benguela.pdf> >. Acesso em: 01 de janeiro de 2025.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo (Ed.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Editora AÇAÍ/CNPq. 2011.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro: 1971.

SILVA, Vagner Gonçalves da. at all **Através das águas: os bantu na formação do Brasil**. São Paulo. E- Book. FEUSP, 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **A formação da imagem da mulher negra na mídia**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

QUEIROZ, Rafeale Cristina de Souza. **Escrevivências de corpos racializados com a assistência médica em Careiro/AM e Manaus/AM**. 2023. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (Am), 2023.